

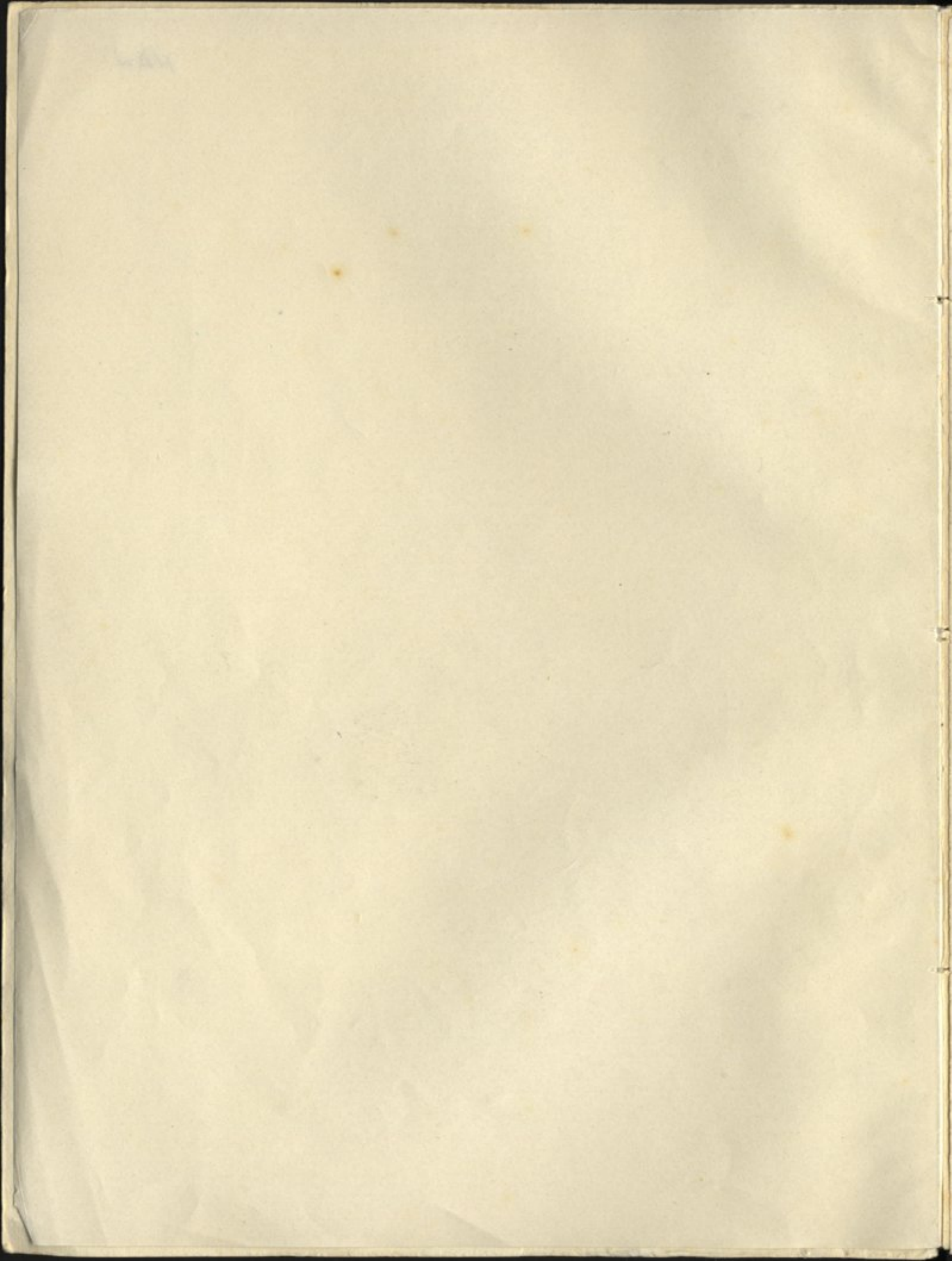
MAN.

Memorias

Diario ao correr da pena

Vol. e.





Memorias

«Personne n'est exempt de dire
des fadaises...»

Diario ao correr da pena:

livro 3?

Vol. e..



M 9 m 0 1 2 3

Paris de couvert de Paris :

1872



1956

« Personne n'est exempt de dire
des fadaises... »

Montaigne: Essais, cap. I do

Livro 3º

Tenho prometido fazer este diário e
pelo lado a realidade de me retratar para
a Posteridade... Afinal, os hábitos não fer-
tas e eu não fui capaz de os fazer.

Estou, no entanto, a escrever como o jo-
jal e a caneta. Primeiro, quero, não alu-
nar: vou registar o essencial que appare-
cer e, mesmo assim, com a brevidade pos-
sível. Pauparei os futuros leitores destes
cadernos — se os cadernos vierem a ter
leitores.

Deus

Tenho de começar o ano com versos
de m.ª Neta. O céu tem que ser azul; não
há que fugir.

« Personne n'est exempt de dire
les faits... »

Montaigne : Essais, cap. I de
l'ivre 3?

1956

Coinbra.

Janeiro: 1

Tinha prometido deixar este diário e pôr de lado a veleidade de me retratar para a Posteridade... Afinal, os hábitos não fortes e eu não fui capaz de os fazer.

Está estorvado, novam.^{te}, a conta com o papel e a caneta. Prometo, porém, não abandonar: só registarei o essencial que aparecer e, mesmo assim, com a brevidade possível. Pauparei os futuros leitores destes cadernos — se os cadernos vierem a ter leitores.

Ora...

Tenho de começar o ano com versos da m.^a Neta. O Avô tem que ser avô: mãe ha que fugir.

A família quiz celebrar a passagem do ano com a tradicional cauja de galinha e a sua deusa taça de Champagne. Ora a Ana Maria quiz, antes de nos sentarmos á mesa, ler uma versalhada que começôr alusiva aos pais e aos avós. Ei-la:

I

Ora vamos, vamos lá
 Gozar um pouco com todos:
 Pois está-me a apetecer
 Comer já aqueles tolos.

Vamos agora ás senhoras
 Que são mais arreliadas;
 Querem sempre ser as primeiras
 Pois senão ficam zarpadas.

Ano'

A Senhora D. Anselma
 Passe a vidinha a ralthar.
 Coitada, que ha-de fazer?
 Se não tem nada a pensar?

Não se lhe pode falar
 Naquelle gato chatinho

Que morreu aqui ha seculos
 E cá em Coimbra. Tadinho!

II - Mãe

Senhora dos ditos gregos
 Senhora d'outras platonicas
 Quando anda lá com isso
 Fica ainda mais pironica.

Mas ás vezes tem razão
 Mas ás vezes tem de ser
 Pois a filha não se cria
 Sem ser preciso bater.

III - Pai

Os homens não apora,
 Tem muito para falar
 E a maior parte deles
 Não se podem aturar.

O nosso capitão Labon
 Nas aulas de Portuquês
 É muito bom professor
 Quando não é gato maltez.

Mas é bom hameusinho
Quando não tá com cigarros
E simplifica por tudo
Com a história dos cigarros.

IV - Avô

É o Avô?... Coitadito
Aquele, ao menos, chafiado,
Cala-se tem caladinho
Na sua cadeira sentado.

Nunca vi assim sujeito
Com tal liuha e tal finura,
Que na mais pequena coisa
Tem o máximo de grandura.

É pronto. Quem ler isto, algum dia, dirá
que sou verdadeiramente avô. Mas aí fica
parq. afinal os retratos tem certa fidelidade.

Coimbra

Janeiro: 9.

No jornal República, de LX.^o, vem no
ticia relativa á recepção que o Papa fez ao D.
Duarte Nuno, como se este cavalheiro fosse
já o rei de Portugal. Tico guardada no fi-

nal do volume, para recordação destes bons
 tempos de agora. ⁽¹⁾

E basta por hoje.

Coimbra:

Fevereiro: 7.

Tive hoje, aqui em casa, o Miguel Tor-
 ga. Cereio q. merece uma referencia, tão
 pouco habituado estou a visitas e muito me-
 nos de visitas de tal categoria.

Vinhe por causa do romance de Luis de
 Magalhães, O Brasileiro Soares que a esposa,
 Andréa Grable' Roche, deseja ver para certo
 estudo de critica literaria projectado.

Examinei as m.^{as} estantes com aquelle
 olhar penetrante que tem; olhou p.^o os qua-
 dros e gravatos das paredes; teve qualquer
 frase amiza para a collecção camiliana sobre
 a qual passou uma das mãos carinhosamen-
 te; e abrindo um ou outro livro notou a mi-
 nha assinatura doutros tempos com uma
 cruz... Tive de lhe explicar o q. significa-
 va a cruz; ele ouviu interessado, com o
 olhar fixo cravado em mim e disse, no

(1) No fim do vol.^o a pag. 409.

final, com gesto naco de quem teria saudades:

— Eram outros tempos... Eu já não conheci essas épocas de efervescencia. Viu muito tarde...

E encolheu os ombros, com ar de resignação.

Enfim, senti-me honrado com a visita. Esta é que é a realidade. E como prometi, no começo do ano, ser breve em tudo, fico-me por aqui.

... A visita q. ainda assim durou cerca de uma hora, dava p.^a muitas paginas.

Coimbra:

Abril: 18:

O meu trabalho acerca do Duque de Saldaña já começou a compôr-se para a Revista da Universidade. Já resi provas de 27 paginas. Parece q. agora, a obra se me singulará.

Lembrei-me de escrever ao Jaime Brasil pedindo que desse noticia do caso na pagina literaria do Primeiro de Jan.^{ro}. Não me respondeu; mas hoje, 4.^a feira, ao desdolar o jornal dei com a seguinte

noticia na secção de bibliographia, no paragrafo livros a aparecer nos estes dias :

— Está no prelo e deve apparecer brevemente um novo trabalho do historador dos fastos militares sr. coronel Bellisário Pimenta. Intitula-se «O Marchal Saldanha — Sua Vida Militar, Suas Ideias e Métodos». Dado o escrupulo do autor nas suas investigações e estudos historicos, essa obra será a análise objectiva e documentada do notável comandante de tropas que foi aquella grande figura do Liberalismo.

Coimbra :

Abril : 28 :

Ontem na Academia Parthenica de Blis
Varia houve sessão solene p. o P.^o Miguel
de Oliveira tomar posse da cadeira de academico de numero, cadeira vaga pela morte do Ferreira Lima. Como é da praxe, o novo academico fez o elogio do antecessor.

Minha Filha assistiu e escreveu-me o seguinte a respeito do elogio historico :

«... muito interessante e bem feito, com grande recorte literario [...] e fiquei desvanecida por ter ouvido citar o Papá com palavras de relevo a proposito do seu artigo na Revista Militar depois da morte do Ferreira Lima. O Menseiher citou uma frase mais ou menos isto : que o F. Lima era um grande estudioso esquecendo-se por vezes a si e aos seus o que nem sempre os outros compreendiam... »

O caso não deixa de ser curioso. O Padre Miguel de Oliveira, que é figura graduada na Companhia de Jesus e tem as honras de Monsenhor, dignou-se citar-me! Na verd.^a o artigo foi escrito com sinceridade e com verd.^a e a frase citada é, com efeito, uma das mais salientes p.^a definir o carácter do bom Ferreira Lima. Mas... o que me dá no gôto é a citação ser acompanhada com «palavras de retêvo.» Certamente o Monsenhor não sabe quem eu sou; mas, enfim...

Ponto final.

Coimbra:

Maio: 5:

Ha dias encontrei o Dr. Joaquim de Carvalho. Falou-me no trabalho acerca do Zaldanha e perguntou-me quantas folhas abrangia. Eu respondi que umas dezito, aproximadam.^{te} ou sejam 280 paginas. Ele ficou a pensar e saiu-me com qualquer frase que significasse, p.^a a m.^a desconfiança, certo arrependimento...

Seria? não seria? Este Dr. Joaquim de Carvalho é sempre um misterio e eu des-

pedi-me bastante abreviado e igualmente arrependido. Em casa pensei e... E resolvi mandar-lhe a carta que se segue e que ontem foi para o correio:

«^{meu} Sr. Dr. ... Recebi ontem ter-
ceiras provas das primeiras 26 pag.^{as} do meu
trabalho q. correspondeu ás pag.^{as} 251-277 de
Revista. Fiz novo calculo do total da obra q.
não irá muito além de 260 paginas o que da-
rá ao volume cerca de 510. — V. S.^{ca}. ha dias
pareceu-me que o achou assim m.^{to} grande
e eu fiquei arrependido de não ter recusado,
logo de entrada, a honrosa oferta, tanto
mais que a índole do estudo destacadá, quero
crer, das morueas da publicação. Mas V. S.^{ca}.
nessa altura, não calculou certamente,
as difficul.^{des} de varia especie que adviriam
e eu senti, m.^{to} naturalmente, a satisfac-
ção de ver publicado, em breve, o trabalho.
— Devo, parem, a V. S.^{ca}. a maior franqueza
e lealdade e direi que estamos ainda a
tempo de remediar o mal antes do começo
de impressão daquelas paginas. Eu desisto
da publicação do trabalho e preparei a pe-
quena despesa já feita; e V. S.^{ca}. poderá as-

sim livremente incluir artigos meus que
 me que possa caber nas verbas marmais. E
 isto é dito sem qualquer especie de susceptibi-
 lidade da m.^a parte; as coisas são o que são
 e cumpreendo bem os embaraços em que a
 boa vontade de V.^{cc.} poderá cair. — E creia-
 me V.^{cc.} sempre, etc. etc. »

A cabra - ae. Renuncio á publicação do tra-
 balho q. nasceu em meu signo e estou a ver
 que não morrer em signo pior.

Coimbra:

Mais: 6:

Recebi carta do dr. Joaquim de Carvalho...
 Diz que a minha o surprehendeu, que nunca
 jousse em recusar o meu trabalho, que sim
 e mais que tambem. Pode ser 3.^a seja verdade
 e, neste pressuposto mandei logo para o cor-
 reio novo epistola:

«... Muito obrigado pela sua carta.
 Creia V.^{cc.} que, da m.^a parte, não houve qual-
 quer impulso de mau humôr ou mesmo aten-
 ção e estima; a minha intenção foi apenas des-
 olerpar V.^{cc.} dum compromisso que lhe pode

ria dar embarcações que eu, por fortuna algu-
 ma, queria causar. — Quanto ás gravuras
 como creio ter já dito a V.ª. ficarão por mi-
 nha conta. — Agradeço m.º a resposta de V.ª.
 e creia-me, etc. etc. »

É pronto. Está liquidado o incidente... O
 mundo continua a girar melhor ou pior e o
 Saldanha lá vai, tambem ou não, e a
 caminho da publicidade.

Coimbra:

Mais: 10:

No dia 8, ante-onhem, fui convidado por
 um advogado Vilaca, em nome dum grupo
 de liberais de Coimbra, para tomar parte em
 um jantar de confraternização de democra-
 tas novos e velhos, celebrando ao mesmo
 tempo a passagem do dia 8 de Maio que au-
 tipamente era festejado na cidade por ser o
 anniversario da entrada do exercito constitu-
 cional. Disse-me o Vilaca q. assistiriam o
 dr. Joaq.º de Carvalho, o Tomas da Fonseca, o
 Julio Fausseca e outras velhas figuras repu-
 blicanas da cidade e da região. Eu aceitei
 e lá fui ao jantar.

É para encurtar razões: o jantar foi manifestação comunista... deveu mais meu mesmo.

Vim hoje a saber q. o organizador da festa foi o medico Ferreira da Costa, comunista militante segundo se diz; e para dar certa verosimilhança fez com q. certos rapazes de características liberais andassem na tarefa dos convites a velhas figuras republicanas. É para não haver tempo dessas velhas figuras se encontrarem e discutirem, os convites foram feitos á ultima hora. Muitos convidados não foram porque desconfiaram da festa, mas outros, como eu, caíram na esparrela.

O dr. Joaquim de Carvalho fez uma preleção acerca do Liberalismo, verdade. lição de mestre; dois rapazes novos excederam-se na critica á situação politica actual, o que incomodou o dr. Carvalho e a mim, porque, na verdade, não era esse a finalidade da reunião; e no fim o Tomás de Fouseca, encerrando os brindes fez, insensatamente certas allusões ao Papa e á Senhora de Fatima que não vinham nada a propósito.

Consequencia: a policia politica quiz

multar o dono do restaurante onde o jantar se realizou e fechar a casa por uns meses; e apaixonou uns estudantes a quem pediu cartas de identidade. É que, de facto, a festa teve o seu quê de escandalosa; dos cento e tanto convidadas, entre os quais muitas mulheres novas que eu não conhecia, estou certo de que uns 80% seriam comunistas. Os 20% restantes estavam para suas caras...

Fiquei ciente. Quando houver outro 8 de Maio p. comemorar, já sei o que hei de responder.

A entrada ficou na colecção das entradas e no fim do vol.º fica guardada uma notícia que recebi na República.⁽¹⁾

Coimbra:

Junho: 1:

Mais outro que se converte!... Desta feita é o Fernando Pinto Loureiro. É e' jovem, seu devida. Trata-se dum rapaz de merecimento e de futuro. Mas, enfim, o tempo de agora dá para tudo.

⁽¹⁾ A pag. 480.

Vi hoje numa livraria um volume recentemente saído, acerca de industrializações em Portugal. Abri-o ao acaso e deparei com um louvãr descautelado ao Marcelo Gae Vasco e á obra do Estado-Novo... Fiquei um tanto ou quanto perplexo, e folhicei mais p.^a deante e encontrei nova eugrazada ao Marcelo Caet.^o e ao Estado-Novo.

Larguei o volume com certo tédio; al-queceu notae o ar com que lancei no balcão a obra e dirigi-me-me:

— Então... lee?...?

— Li, sim sim. e fiquei entediado.

— É' uma pena!... Como estes rapazes não abaixo...

— É' certo... Vão abaixo para depois poderem ir acima. Maus tempos estes, sim. Fulano! maus tempos!

E ficámos por aqui.

Coimbra:

Jueho: 2:

Esqueci-me de dizer na altura profuis que no dia 4 de Maio passado fui eleito, na assembleia-geral da Socied.^d de Defesa e Propagação de Coimbra, para o Conselho Consel-

Vivo da sua direcção. Isto não tem qual-
quer importancia. O que me leva a deixar
agora consignado o facto é a circumstancia
de, na pessoa, eu conhecer o dr. Fulano
Corte Real que se intitula conde de Fijó
eleito presidente da assembleia-geral; e o
mais curioso é que este sr. conde (que eu
nem de vista conhecia) fazer calorosamente
o meu elogio, chegando a dizer que eu era
escritor de alto relevo, com projecções nacio-
nal e estrangeira! E o mais grave de tudo
isto é que o homem falava a peris.

Projecções nacional e estrangeira!... Es-
ta não lembraria ao Diabo, mas lembrava
ao illustre conde de Fijó.

Paciencia. No fim do vol.^o ficou recar-
tes dum jornal relativos á pessoa.⁽¹⁾

Coimbra:

Junho: 15

Fui hoje, com o P.^o Ant.^o Nogueira Gar-
çaves, á ponte do Marnel. Ha muito que
andava com vontade de visitar a região
e ver com certo cuidado o terreno em que

⁽¹⁾ A pag. 411.

se deu o combate entre as tropas constitucio-
nais e as regulares de D. Miguel no dia 28 de
Junho de 1828. A lacia do Manuel era um
eucanto; o Padre Mag.^{na} conhecia bem a re-
gião e foi um excelente cicerone. Depois fo-
mos alucosar a Albergaria numa especie
de pousada cheia de atractivos modernos a q.
se convençionalmente chama «regionais.»

Foi uma bela manhã. O Padre é um
excelente companheiro. Só tem o defeito
de... ser padre.

As impressões do terreno e da paisa-
gem, vamos a ver se sou capaz de as escre-
ver. Com um pouco de historia do episo-
dio darão um arripo para o Arquivo do Dis-
trito de Aveiro. Tudo vai de eu ser capaz
de o escrever.

Coimbra:

Junho: 24:

Dia de S. João... Nunca elle foi tão bem
festejado como hoje! A festa ao Afonso
Duarte foi um eucanto. Eu só assisti ao
alucoco e á noite, ha pouco, vi o começo
do perão no Jardim Botânico. A humidade
da noite não me deixou estar mais do que es-

caso quarto de hora em que ouvi o coral misto da Faculd. de Letras cantar umas canções populares. A iluminação deu aspecto estranho a' rua das Lílias: O ambiente era agradável, mas eu receei a humidade e recolhi a casa.

E aqui estou para falar de finir as minhas impressões. Ao almoço, comovi-me a falar com a alocução do Mario de Castro escrita com superior inteligência e lida com lagrimas na voz. E impressionou-me uma ligeira paudação feita por aubja discipula, hoje professora de aldeia, já mais do que quarentona, que evocou os tempos de professorado do do Af.º Duarte em que este deixava sempre gravada no espirito dos discipulos uma segura simpatia e quasi sempre gratidão.

E já agora quero deixar a nota seguinte que me deixou impressão tambem, mas desta vez desagradavel: quando a professora acabou a paudação cheia de simplicidade e ternura com uma quadra banal, e certo, mas ditada por tão alta simpatia e reconhecimento — levantou-se logo o Alberto de Serpa e disse, com certo ar impoente para o Mario de Castro que, pelo programma

da festa seria o unico orador official no al-
mooço:

— Oh Mario de Castro: é convenientemente
têres já o teu discurso...

Isto era um aviso, certam^{te}, para qual-
quer que tentasse dizer alguma coisa e, até
certo ponto, censura á pobre professora que
tão sinceram^{te} e tão simplesmente mostrou
a sua gratidão.

Eufim... Eu não sabia quem era esse
censôr tão pouco delicado; o pintor Guíthar
me Felipe que estava na m^a frente é que
me disse quem o homem era. O autor do
Vinte Poemas da Noite, orgulhoso, quiz evi-
tar que outro qualquer caurina recitasse no
na quadra de fe'uebrado...

Estes poetas...

Coimbra:

Julho: 11.

Hoje, na pagina literaria do Primeiro de
Janeiro, na secção de Bibliografia deparei
com noticia relativa ao meu opusculo Uma
Bibliografia ~~de~~ ignorada e com palavras bas-
tante amaveis. Na verd^{de} mandei um exem-
plar ao Jaime Brasil na occasião em que

lhe pedi que noticiasse o prox.^o appareimen-
to do meu trabalho acerca do Saldanha; mas
meu dei apenas um e não dois como é, creio
eu, regulamentar p.^a receber noticias circuns-
tauciadas. Foi pois autilidade do Jaime Bra-
sil que eu, pessoalmente não conheço.

Vá lá! Ainda ha um ou outro que se não
esquece.

O recorte fica arquivado no fim do volu-
me. (1)

Coimbra:

Julho: 16.

Acaharam as festas da Rainha Santa e
a verd.^{de} é que não me lembrava de ter visto
tanta gente em Coimbra. Podem os festei-
ros galarem-se disso. Foi um grande es-
pectaculo e uma grande parada reaccio-
naria a que daria certo relevo a presença
do cardinal beryjeira. Parece que tudo arrou-
a rôda do eminente purpurado. Caviteis
da Camara Municipal, caviteis dos proprios
jornais da terra p.^a a recepção a sua Emi-
nencia... Um nunca acabar como se os

(1) A pag. 113.

festas fossem em sua honra e não em
honra da mulher de D. Diniz.

Enfim: caiu em Coimbra o poder do
mundo e o berejeira deveria ter gostado.
Está assim tudo m.^o bem e, como diria o
patrio Pangloss, no melhor dos mundos.

Paz (Mafra):

Julho: 22:

De novo nesta pasmoceira da Paz. Veio,
ao menos, a dita que, infelizmente para
mim se vai embora amanhã p.^o Lisboa de
onde no prox.^o dia 25 segue com o Pais pa-
ra Paris. Sua mãe em boa-hora e que trap-
impressões p.^o contar ao Avô.

Pais está estau, de novo, nesta pasmocei-
ra palcia.

Paz (Mafra):

Agosto: 2

Belelora-se agora em todo o mundo
católico o centen.^o de Inacio de Loyolla. É
claro que Portugal não faltou á chamada
e pelos seus apaos officiais entou louvô-
res ao fundador da Companhia. Depois
e mais o Papa proclamou q.^o Loyolla má

era só glória da Igreja, era também uma das grandes glórias da Humanidade.

Assim seja — e para « Maior glória de Deus. »

Paz (Maia):

Agosto: 10.

Recebi há dias uma carta dum rapaz creio que ainda estudante de Letras em Coimbra que eu conheci no dia 8 de Maio no celebre jantar comemorativo. Gostei de o ouvir falar e no final cumprimentei-o afavelmente e disse-lhe qualquer coisa de encorajamento.

Desta m.^a acção nasceu a carta em que me solicita a m.^a presença no Tribunal plenario do Porto onde vai ser julgado « caso mais 53 outros cidadãos na sua maioria jovens, rapazes e raparigas, estudantes do Porto, Lisboa e Coimbra ». E a m.^a presença é p.^a justificar, como defensor, o ~~caso~~ seu bom comportamento, etc. etc.

Confesso que não gosto m.^{to} destes pedidos, não por ir defender o rapaz naturalmente acusado de comunismo, mas por me ir meter como advogado de cuja natureza tá-

nho sempre certo recuo. Mas, enfim, respondi hoje ao rapaz nestes termos:

«... desculpe não ter ainda respondido á carta de V. que aqui meem parar desenvolvida de Coimbra. Estava m.^{to} laço de saber que V. é filho do sr. dr. Manuel Berqueira que conheci ha muito, realmente, como meu discipulo de me^a Filha. — Quanto ao q. me solicita, devo dizer que, em principio, não tenho duvida em ser testemunha de defesa de V.^{to}. A unica objecção que faço é a do deslocamento ao Porto no esse deslocamento me obriga a dias de ausencia; se se poder, porém, determinar um dia certo para a m.^a compareancia, irei de boa vontade. É natural q. o julgamento seja depois das férias judiciaes e entã já eu estarei em Coimbra e mais facilmente darei um salto ao Porto. Daqui, ser-me-ia um pouco mais penoso. — Rogo o favor de me recomendar a seu ^{meo} Pai e a creditar, etc.»

tenho que a carta não meiga. Apenas faço uma lip.^a objecção pois realmente andar uns dias seguidos por fora de casa

á espera de me chegar a ver no Tribunal
era-me aborrecido. Vouos a ver...

Pae (Mafra):

Agosto: 12.

Hoje hoje festa na Murgueira dedicada
á S.^a do Carmo padroeira da capela do lugar.
Lá fui. Gosto de ver estas festanças de al-
deia, innocentes afinal. Contribuímos com
flores e dinheiro.

Hoje procissão, com 3 andares peque-
ninos; tudo com ar polero — mas tudo com
ar de satisfação e alegria. A principal figu-
ra da festa, um palio quasi calvo, risonho,
creio que o juiz da irmandade, ajudado de um
lado p.^o o outro radiante, com primentador,
desfazendo-se em agradecimentos. Merecia
duas papinas de boa grossa se eu fosse ca-
paz de lhe fazer o retrato e se fosse capaz de
escrever grossa condigna.

Mas, a razão desta nota é diferente: é
que, na festança popular, simples, innocen-
te, alegre, pesava a sombra da reacção ultra-
montana actual. O padre que presidiu á
festa não era o prior da freg.^a que me pare-
ce ser um padre banal, mais ou menos

funcionario para quem estes aspectos me-
 deros não agradarão no intimo se bem q.
 os respeitê dentro do possível; era um pa-
 dre congreganista dum seminario de S. Vi-
 cente de Paula ha uns annos fundado na vi-
 la de Mafra, por compra dum velho e pitô-
 resco palacetê que foi ampliado considera-
 velmente. Já o aspectô do homem é suspei-
 to: alto, forte, entrecado, barrigudo, com
 lunetas fâscantes, não tinha o ar humil-
 de que eu imagino deviaem ter os padres da
 aldeia, mas uns ademanes soberanos, ges-
 tos largos de dominio, olhares duros, au-
 taritários. E na procissão dirigia, com a
 sua voz rude mas sonora, os canticos do
 menherio e da creançada não á São Seulo-
 ra do Carmo padroeira inofensiva do lu-
 garejo, mas á Senhora de Estima, rainha
 de Santupal, hoje substituta do Senhora da
 Conceição a quem D. João IV entregou a
 protecção do reino e... e dele. E a manei-
 ra como elle fazia de regentê, com impo-
 nencia e autorid. mostrava bem a certeza
 de que são elles, os padres, que hoje man-
 dam e querem. Observei tudo isto com
 certo desconhecimento comovido; como es.

tes 30 anos mudáram tudo, até a alegria e simplicidade das festas aldeãs!

E depois da procissão recolher à capela, ouvi lá dentro o padre falar com voz forte e poléme sobre os deveres dos católicos, ameaçar, lembrando a Revolução de 1808 e a Revolução de 1910, etc. etc.

No regresso, com frequência, vinha com a filha da pobre Sancha do Carmo que ali ficava abandonada na Moura...

Paz (Mafra):

Agosto: 18.

Cheguei - me hoje aqui o n.º 153 da revista Vertice, de Coimbra, correspondente ao mês de Junho ult.º. Aleri-o com certa pressa e lá vi a pag.º 301-303 o meu pequeno artigo a respeito do Campos Lima que o Ferreira Monte agarrou logo com interesse.

Eu destinava-o para a Seara Nova mas quiz mostra-lo ao Ferreira Monte e este já o não deixou. Logo que aleri as paginas do fasciculo li o artigo, um pouco á pressa, á espreita de certos da censura; mas não, o artigo vem completo, de fio a pavio, sem quebra da sua unidade.

A censura nê-re que está amavel. ...
 As nêes não é amavel — é estúpida. Pelo
 que tenho sabido, grande parte dos cêtes que
 os censores fazem em artigos doutrinaes, é
 consequencia de não os compreenderem.
 Longo triste País o nosso!

Paz (Mafra):

Setembro: 1

Apareceu-me hoje aqui com a mu-
 ther e a filha o dr. Rebelo Gonçalves. Já não
 o via ha muito e verifiquei que está o mes-
 mo homem; fisicamente o mesmo garça-
 thio, com ares bonacheirão e olhos vivos; e
 moralmente o mesmo cumprimentador,
 cheio de salamaleques, de frases amaveis e
 ás vezes unctuosas.

Como é que uma creatura destas, incon-
 testavelmente de valer, em posição elevada
 e nome reputado, se humilha em cumpr-
 mentos e lagatês que nô parecem lissija?
 Nunca comprehendí este feitiço e não sei bem
 o que hei-de pensar. As amabilidades que
 me dirige esotaneamente não me enaide-
 cem porque são tão exageradas que não sei se
 elle estará, no seu intimo, a caçar.

Disse-me ele que vai lançar no próximo ano e por sua conta pois pessoalmente não lhe dão subsídios ou qualquer auxílio, uma revista ~~no género~~ no género da Humanitas que ele lançou em Coimbra, por conta da Faculd. de Letras. Vai dar-lhe o nome de Letras Clássicas e depois de expôr o plano da publicação solicitou a minha «nativa colaboração...» Apesar de todos os exaperos nas cortezias f.º corrigio, confesso que não esperava tal convite. Fiz-lhe ver que não tenho preparação f.º escrever em revista daquele género e que os meus trabalhos bons ou máus estão fora do âmbito dos estudos clássicos. Etc. etc. Ele não se deu por convencido e o convite ficou de pé e, certamente, ficará sempre de pé.

Paz (Mafra):

Setembro: 10

Ultimamente, a Tipografia se injuriou a Revista da Universidade. Tem mandado provas do meu «Saldanha» em verdadeiras nevoadas. Agora parece que o caso vai resolver-se e já não era meu tempo.

Pobre Saldanha!

Paz (Mafra):

Setembro: 27

No jornal República de ontem, na secção Correio de ontem, vejo a seguinte local que não posso deixar de arquivar:

Atenção, empresários de toiros!

Lemos nos jornais que o professor universitário dr. Vitorino Nemésio tocou numa «tenta», em Angra do Heroísmo, de tal modo que o grande Carlos Arruza, que com ele alternou, exclamou, cheio de entusiasmo:

— Hombre, que bien torea el profesor!

Alegra-nos a noticia. Já sabíamos que o professor Nemésio era aficionado dos toiros e tinha feito algumas «faenas», ainda que não do agrado total do público.

Vemos, porém, a julgar pela opinião de «El Ciclón», que as evoluções taumáquicas do ilustre catedrático atingiram tal grau de depuração que não será de surpreender que o vejamos na próxima época no Campo Pequeno...

— Olé por los toreros de verguenza!

O Nemésio está colheendo os frutos da sua falta de carácter.

Paz (Mafra)

Setembro: 28:

O dr. Rebelo Gomes, lues ha m.^{to} que me chamou para uma tarde de palestra na sua casa do Pinheiro juntam.^{te} com o conselheiro aposentado dr. ~~Rebelo~~ ^{Nunes} da Teca, actual

mente com residência fixa em Mafra. Ca-
lhou hoje e lá fui. Tarde bem passada.
A casa está arranjada com m.^{to} gosto e no
1.^o andar tem uma laya varanda voltada p.
poente, coberta, onde se passou o resto da
tarde perante um magnifico pôr-do-sol.

O dr. Rebelo Gz. a quem contei a local
na Republica relativa ao Neuvésio ficou um
tanto su quanto abarrecido, seguindo me pa-
receu. Tratava-se dum colega a par muito
indiferente que se queira ser, sempre esses
reunioques lhe tocam um pouco pela parte,
isto é, sempre não ferir o prestígio do car-
go e da propria faculd.^a Em todo o caso...
o Rebelo Gz. confessou que não gostara da
evolução nas ideias do colega e disse que,
na verd.^e, se lembrava de ele the ter dito,
em tempos, que na sua mocid.^e ainda na
vila da Traia muitas vezes ajudára e missa
na freguesia. Voltára, pois, aos seus pri-
meiros amores...

E não se falou mais no caso.

E a propósito, o Rebelo Gz. antes ex-
pôr ao dr. Rico e a mim um outro caso q.
o tem preocupado ha algum tempo e sobre
o qual desejava ouvir a nossa opiniao co-

meos de amigos que ele m.^{to} prezava, etc. etc. E disse que teve por professor de latim em Lourenço um padre ~~seu~~ de apelido Farnigão, bom latinista, homem culto que usava, nos seus trabalhos literarios, o pseudonymo de Visconde de Montalvão, salvo erro. Ora esse padre ficou sempre amigo do discipulo e o discipulo teve sempre grande estima e respeito pelo professor de onde derivou correspondencia mais ou menos aturada entre os dois e troca de impressões acerca dos trabalhos e exitos de cada um.

Ultimam.^{te} o Padre pediu ao Rebelo G. um prefacio p.^a uma colectanea de sonetos em louvor de S.^a de Fatima. Este tentou excusa amavelmente mas o outro insistiu de tal modo e lembrou a sua idade e pouco tempo de vida, que o dr. não teve coragem de negar e ~~escreveu~~ escreveu uma carta simples, no verd.^a, em que recorde os tempos de estudante de latim e louva a fôrma correutia dos sonetos e a aptidão do autor para a poesia. Eu li, na varanda de casa, a carta e realm.^{te} não ha nela qualquer indicio de confarmit.^a com o assunto das poesias e m.^{to} meus de aprovação. Vê-se

que a carta não é mais que uma amabilidade p.^o com o antigo professor e que se limita ao essencial do cumprimento.

Ora bem. Ha dias chegou o volume com oferta commendada pois o autor está gravemente doente e parece que perdido. O Rebelo Gonçalves logo de entrada leu, na folha anterior ao rosto, que a colectanea tinha a valoriza-la com uma carta do arcebispo de Braga e outra dele, Rebelo Gonçalves e acrescentava a nota que ambos se imantavam na glorificação e exaltação da Virgem de Fátima...

O dr. caiu das nuvens! Ele, imantado com o arcebispo p.^o exaltação da Senhora de Fátima! A prim.^a reacção foi a de uma explicação nos jornais; a esposa, porém, lembrou que dado o melindroso estado de saúde do Padre, a explicação poderia abala-lo; e assim fica de pé uma suspeita que não é lisonjeira.

Eu comentei apenas que é sempre perigoso fazer prefácios a obras de padres; a mentalid.^e deles é m.^{te} diferente da nossa e... não ha que fiar suas boas intenções.

E a verdade é que, para vencer por parcial, podemos dizer:

— Vão lá livrar-se de uma ratoeira das
lãs!

Lisboa:

Outubro: 3

Passam hoje 77 anos... dois numero-
ros catolísticos.

Que se ha-de fazer? Parece q. conti-
nuo a terminar em viver.

Lisboa:

Outubro: 5.

Mais um aniversário desta malfadada
República. Mais um dia de tristeza para
nós.

Por esse país terá vai uma onda de en-
thusiasmo com as comemorações. Parece
que despertou a consciência republicana
depois dum colapso de 30 anos.

Uns amigos explicam o fenómeno
do seguinte modo:

Grande numero de officiaes monarqui-
cos, com a commença do illustre Santos
Costa, comprometeram-se a fazer a tenta-

tinha de proclamar a monarquia durante
 a parada que se devia realizar no final das
 ultimas manobras do outono. Aproveitan-
 do a concentração de tropas, combinando
 bem as posições, lançavam o grito e... se-
 ria o que Deus quizesse! como eles dizem.
 Mas Deus, parece, não estava m.^o disposto
 a meter-se na aventura; e, em Salazar
 ou Crav. Lopes (há dúvidas a este respeito)
 foi ao encontro dos homens e antecipou o
 final das manobras, suprimiu a parada
 e com que elas deveriam acabar e mandou
 recolher todas as tropas aos seus quartéis.
 Dissolveu, pois, o plano restaurador ebro-
 ra deixasse de pé a intenção. E como avi-
 so aos d.^{os} monarquicos em, quem sabe, co-
 mo ponderou aos entusiasmos democra-
 ticos, houve ordem para que se deixassem
 fazer as comemorações á vontade, sem qual-
 quer especie de coacção.

Será assim? Com jesuitas não ha q.
 fiar; nunca se sabe de que lado estão; mas
 é possível que assim seja e Salazar quiz
 mostrar aos monarquicos que as ~~as~~ aspi-
 rações republicanas não desapareceram e
 que é necessario contar com elas. Se as-

oim foi, o caso tem que se lhe diga... O Sr. Lazar não quer a monarquia, o que quer é isto que aí está — e lá vai sustentando a mãe do Estado com todas as suas habilidades e ardimenhas.

Em Coimbra, segundo carta do Alcide de Oliveira, quereem fazer coisas e fui convidado a comparecer, porq. a pu.^a presença era indispensavel.

Respondi aquelles com escusa. O q. iria eu fazer? Ver caras de mariolas misturadas com os poucos velhos que ainda restam — mais nada. Este Alcide de Oliveira ainda apora pu.^o meido em suas manifestações democraticas; não sei porquê, mas não acredito pu.^o nele. Tenho-o visto em tanta coisa!

Enfim. Nada de má lingua. Mas sempre direi:

— Polve Republica!

Lista:

Dezembro: 7.

Lidas as noticias das comemorações do dia 5 de Dezembro, se por um lado verifico certo enthusiasmo que em muitos pará rai

ceros, por outro lado verifico que as minhas
apreciações tinham certa razão.

Em Coimbra, dizem os jornais, apa-
receram em typanos de evidencia o Luis
José de Mota e o Fernandes Martins, por
exemplo; em Lisboa foi ovacionado em
qualquer parte o Tavares de Castanho que
se me não expaço foi o motorista de con-
fiança do Vasconcelos Porto. Etc. etc. Além
disso, lá vi em Coimbra os comunistas que
tidos nas sessões e no aluoco, como que
integrados no regime republicano.

Enfim, foi melhor não ir á minha
terra e passar aqui o dia pacatamente.

Pensei em ir aluocar em qualquer re-
canto pacato com o Pires Monteiro; este, po-
rem, adoeceu — e limitei-me a ir a casa
do Ernesto Soares (um monarquico) para
trazer-lhe algumas illustrações com retratos e
catarrar um pouco acerca de gravuras.

Foi melhor assim...

Lisboa:

Outubro: 13

Tive hoje aqui a visita do Manuel dos
Santos Cabanas que me veio restituir o

album de gravuras de meu tio Rafael e conversar um pouco.

Falando-se das comemorações de 5 de Outubro de que ele foi promotor no Barro, contou-me que no começo da assembleia a que elle presidiu certo bacharel em direito que ~~advoga~~ não sei se no Montijo ou Vendas Novas, discursando e lembrando o seu tempo de estudante em Coimbra, ainda ~~na~~ durante a Monarquia, citou o meu nome como dos raros officiaes apontados como republicanos. Achei graça e não me lembro já do rapaz, apesar das referencias que o Calvoas fez.

Na conversa caiu este episodio que elle me contou e certa graça: ha tempo, era elle vogal da direcção da Socied. Nacional de Belas-Artes e com elle recebeu o traueiro Lopes na abertura duma certa exposiçãõ; com todas as atenções, foi apontando os quadros e comentando conferencia que jareceu o que ia apontando; o outro seria interessado ou fingido-interessado e no final, agradecendo a atenção com que foi recebido e a amabilidade das explicações, perguntou:

— Vêo. é', de certo, da União Nacional?

O Cabanas, surpreendido, indignei-se e disse-lhe, medindo bem as palavras:

— Não, Sr. Presidente! Não sou. Sou apenas um velho democrata.

O Branciro Lopes, com um aperto de mão que pareceu afectuoso, e despedindo-se, respondeu apenas:

— Muito bem, m.^o bem... É muito obrigado pelas atenções.

Com franqueza: numa exposição de belas artes a que propósito vinha a União Nacional e a Política?

Parece anedota e afinal não é.

Paz: Maфра

Outubro: 18

Li nos jornais, na altura devida, que os republicanos de Maфра comemoraram o anniversario da proclamação da República com a oferta dum jantar aos arilados dum anilo camarário e ás creanças dum outro anilo infantil, quer um quer outro dissipados pelas danças católicas dos organismos reaccionistas da terra. Estranhei um pouco mas pensei tambem que os republicanos locais

quizessem dar provas de tolerancia e como q.
uma bofetada elegante nos adversarios.

Ora hoje fui á vila e, ao falar com o far-
macêutico Afonso de Medeiros, sobre o caso,
vim a saber a explicação do caso.

Os homens quizeram comemorar o aní-
versario com um almoço ou jantar em cui-
sua honra por ser, no momento, o republica-
no mais velho da vila; convidaram tambem
o dr. Ribeiro Gonçalves e mais não sei quem
p.^a dar certo realce á festança. É claro, tme-
ram que ir declarar o intentó ao capitão João
Lopes, o ditador local, para a competente
licença; este disse q.^o mandaria a resposta
e, no entretanto, foram contratando no Res-
taurante Frederico a refeição.

No dia em que resolveram vir á Paz
para me convidarem, em comissões amigá-
veis, receberam a visita do chefe da policia
que em nome do João Lopes queria saber o
numero dos curivas e quem discursava
e com o aviso de que teria tambem de alu-
car em ele, chefe da policia, ou qualquer au-
tor delegado do sr. Administrador... O
Afonso de Medeiros respondeu que iria dar
conhecim.^{to} das ordens do sr. Administrador

dar aos seus amigos e depois comunicaria a resfosta. Perante esta experiencia, os republicanos, reunidos, resolveram desistir do jantar e como já havia despesas feitas e generos consumidos, fazer com estes o jantar melhorado aos melhos e ás creanças recolhidas. E o Medeiros acrescentou que, na manhã, quizeram dar uma bofetada sem mãos ao illustre sr. João Lopes, pois com as refeições oferecidas foram palavras de tolerancia politica.

Tudo é aqui está como se governava...

Lisboa

Novembro: 11:

Fui hoje ouvir, em S. Carlos, um concerto dado pela orquestra do dr. Ivo Cruz. Gostei, como é natural gostar-se sempre de ouvir boas musicas.

A 4.^a sinfonia de TschaiKowsky impressionou-me, especialmente o 2.^o andamento que me fez sentir os olhos humedecidos. E muito mais um concerto de Bach p.^o dois violinos e orquestra, tocado, pareceu-me, primorosamente. Ainda ha coisas boas no mundo.

Lista:

Dezembro: 18

As brutalidades dos russos na Hungria provocam justa reacção em todo o mundo. Em Portugal, com o nosso feitiço exagerado, a reacção está a ser orientada pela Igreja e em grande escala. Hoje, em Fatima, a parada deve ser grandiosa; de todo o País vão combóios e filas de camionetas carregados. E tudo pela causa russa dos russos...

E torna-se isto a serio!

Esclarecimento público

O sr. dr. António Sérgio, nosso illustre amigo e colaborador, pede-nos a publicação do seguinte:

Em referência a palavras ontem pronunciadas na sede do Comando-Geral da Legião Portuguesa sobre a attitude dos democratas e liberais portugueses perante os males de que recentemente tem sido vítima o povo hungaro, o abaixo assinado, liberal e democrata, vem declarar que está pronto a apoiar, com o maior entusiasmo, todas as manifestações contra a violência e os mais veementes protestos a favor da liberdade do povo hungaro ou de qualquer outro povo estrangeiro, desde que incluam também um protesto a favor da liberdade do povo português, hoje impedido de exercer os seus direitos fundamentais de cidadania.

15-XI-1956.

ANTÓNIO SÉRGIO

Ontem o jornal República trazia na 1.ª página a declaração do António Sergio que aqui fica junta. Ainda bem que houve alguém que tomou esta posição. A Igreja está a especular com o caso porque se trata dos russos; se não fosse essa circunstancia de

certo que os protestos ficariam em nada. É
ver o que a Igreja tem feito dentro da actual
situação.

Lisboa:

Novembro: 28.

Lihepou a notícia da morte, em Coimbra,
do António Maria Correia, o mais velho e
derade da cidade e meu afilhado de casa.^{to}
Morreu um homem honrado e bom. Traba-
lhador, dedicado á família, fez uma vida re-
tada, sem pretensões, metido na oficina apenas,
com modestia ~~na~~ completa. Uma vez por
sua elegeram-no para a direcção da Associação
dos Artistas, creio que em duas épocas; foi
escrepulososo no cumprimento do mandato e,
segundo me disse, sem algum prejuizo do seu
ganha-pão. Era amigo dele desde os tempos
em que trabalhava na oficina do Alberto Viana,
á Se' Velha, ao cimo das escadas de Suelva-cos-
tas; depois montou oficina sua, casou, teve
filhos — e seguiu sempre a vida direita, sem
complicações de dinheiro. Bom homem e ho-
meu honrado. Merecia que os jornais dis-
pusessem mais alguma do que a simples notícia
de vulgar neurologia, em mais d'uma de li-

nhas. O facto de ser modesto e não usar do vulgar charranz, e ultimamente inutilizado em casa, depois de commoção cerebral, fizeram com que se esquecesse o velho e honrado Antonio M.^o Correia.

E' assim o mundo. E adeante!

Lisboa:

Novembro: 29.

Ha algum tempo, o Camara Reis escreve-me - me novamente aflito com falta de dinheiro na Seara. O Camara Reis julgará que eu sou capitalista?

Por causa dessa carta fui hoje a' sede da Seara para me com Luciano Cordeiro. Ele não estava, mas falei com um empregado, creio que o gerente e confidente da direcção. Declarei que, por mim, nada feito mas que ao regressar a Coimbra falaria com o advogado Frederico Lopes, filho do dr. Fernando Lopes, com quem o Camara Reis se encontrou durante as comemorações de 5 de Outubro e parece que prometeu qualquer coisa. Vamos a ver se me não esqueço.

Esta Seara... Não sei se é, realmente, grande difficilidade de vida perante os apertos

do actual estado de coisas se é má administração da empresa. O certo é que andam sempre em apuros e depois cá estão os proprietários como em 1.ª parte de novidades...

Ora hoje, 1.ª de acalhar bem o dia, fui á livraria do Arnaldo Henriques de Oliveira, ao bathariz pagar a factura do ult.º teitão. Não sei já porquê, falou-se no Paulo Freire e o Arnaldo contou que certo dia entrou-lhe pela porta dentro, um pouco estafarido, o Alfredo Pimenta de quem se confessou amigo. Veudo-o assim tão agitado, perguntou-lhe a causa; o Pimenta, apontando 1.ª o passeio fronteiro disse que estava ali o Paulo Freire que lhe queria bater... Na vend.º olhando 1.ª fóra, lá viu o homem, com cara de pouco amigoso, passeiando e olhando 1.ª a porta da livraria. Sossegou o terrível Pimenta e atravessou a rua 1.ª fazer ver ao outro que praticava uma acção feia pois sendo forte e desembaraçado ia bater num invalido.

O Freire respondeu, e creio que bem, que era invalido mas não o era para, pela infameza, ofender quem quer que fosse; e declarou que não saía dali sem dar dois bo

feições a esse « aldrabão » que, ainda por cima era covarde. O Arnaldo nada conseguiu e resolveu chamar um taxi e acampou ali na casa o Pimenta.

É claro que não consentei, desde que o Arnaldo se declarou amigo do Pimenta; mas achei graça á histerieta.

É cá fica para a posteridade...

Lisboa:

Dezembro: 2.

No tempo recebi uma carta do major na situação de reserva, José Pavia de Magalhães que se me dirigiu como director da Biblioteca do Instituto. Ainda ele interessado alguma obra sobre criptografia e desejava saber se naquela biblioteca havia qualquer coisa sobre o assunto.

Seguiu-se correspondência até que hoje tirei-me dos meus cuidados e fui a casa do homem no Av.º do Brasil, ou seja Av.º do Alferes Matheiro. Julguei-o um homem novo e afinal saiu-me com 60 anos já feitos; pessoa mu.º correcta, modos traídos, falas fantadas; não sei bem as suas qualidades, mas impõe-se logo como creatura de educação.

e, pode dizer-se, simpático. Tem casa bem
 posta como de quem vive ~~em~~ em difficulda-
 des e no seu quarto de trabalho ha muitos li-
 vros, bem ardeados, a indicar pessoa meto-
 dica e arrumada. Uma particularidade não
 me escapou: nas paredes das ~~quatro paredes~~
 tres divisões onde estrei, havia o brasão
 dos Parías, em quadro pintado ou em tapete
 de côres. Concluí que o major tem preocu-
 pações de nobreza — o que lhe não levei a
 mal. Está no seu direito.

Mostrou-me os seus trabalhos sobre a
criptografia e, realmente, pela inspecção ra-
 pida do resumo ou sumario da obra, vê-
 se que é de tombo. Estará bem feita? Eu só
 vi o sumario e por ele vi que é tarefa de
 grande vulto e, nalguns capitulos, pergun-
 tei a mim mesmo se o autor teria bases para
 os fazer com consciencia. Pareceu-me q.
 o major não era creatura inculta; mas ao
 mesmo tempo duvidei da sua capacidade
 de realização em certos capitulos. É certo q.
 ele, com lealdade, me disse que não sabia
 se seria capaz de arcar com a responsabi-
 lidade dos capitulos que não são propriam.^{te}
 historia e necessitam de conhecimentos de

crítica e de filosofia; e esta confissão que eu não provoquei deu-me a boa impressão de certa honestidade nos meus processos de trabalho.

Gostei do homem; há bem impressão. Tem alguns deferencias que não se veem só derivadas da sua boa educação; e p.^a curricular as atenções pediu á esposa p.^a me dar um rico chá açoreado, bem servido em louças fina e artística, que me pareceu excelente. Pareceu-me que ele sabia ou adivinhava, como é hábil em criptografia, o meu velho vício de beber de chá...

Coimbra:
Dezembro: 7.

Cá estou, de novo, em mi^a casa; e sempre que aqui entro, principalmente no meu escritório, depois de certa ausência, sinto-me comovido. O abandono de todas estas minhas coisas acumuladas com certo amor, durante meses é motivo de tristeza. Mas que lhe hei-de fazer se a vida não é o que se quer e p.^a minha foi sempre errada?

Ora bem: o que eu aqui quero avistar hoje é coisa bem diferente das comovções de

entrada em casa depois de longa ausencia.
 O que quero anotar e' o seguinte de que hoje
 me lembrei na viagem, quando o comboio
 saiu do tunel de Chão de Macãs e atravessá
 va o vale de Baselga: e' que, quando era
 novo e passava ali, em comboio, e via aque-
 le vale, do lado nascente, tão sereno, tão ver-
 de sempre, de encostas tão suaves, e com o
 fundo, para leste, levemente undulado até re-
 zender nos montes ao longe — eu pensava
 em como a vida ali seria tranquila, como
 correria sem contrariedades, tão suavem^{te}
 como aquellas encostas verdejantes onde uma
 ou outra casa entre arvoredos e um campama-
 rio m^{to} branco, tinham a nota humana.

E, na m^a longa fantasia, pensei em me
 refugiar ali, no vale de Baselga! longe do
 mundo e dos homens...

Isto já lá vai ha mais de 50 annos; e
 ainda hoje, ao passar ali, não me esqueço
 de olhar com saudade esse vale tão ameno e
 tão acolhedor. O que hoje penso e' diferente,
 um pouco diferente, e' certo; mas a verdade
 e' que aquella baixa tão convidativa continua
 a ser como que um simbolo.

Testemunhar etc. etc. "For all that, the valley is"

Crimina:

Dezembro: 10

Morreu ontem, em Lisboa, a mulher do Henrique Pires Monteiro. Bonheci-a pouco; mas o suficiente p^a calcular o golpe m^{to} feudo sofrido pelo marido. Era uma senhora inteligente, meticulosa, com certo ar imperativo que exercia sobre o marido influencia grande, de certo, mas a suficiente p^a que ele a considerasse superior. O Pires Mont.^o não é grande inteligência; é homem de método e de grande capacid^d de trabalho e é dos que necessita ter junto uma capacidade de acção superior. E essa capacid^d de acção tinha-a a esposa que agora lhe falta.

Calculo bem o quanto ele vai sentir de vazio á sua volta. ⁽¹⁾

Seu amigo dele e reconheço, até, que ~~me~~ tenha alguma influencia intelectual sobre o seu espirito. Suas pelas cartas que se pela conversação, posto a necessid^d que ele tem de me ouvir a opinião e já me tem dito que lastima a distancia a que vivemos.

⁽¹⁾ Ver, no fim do vol.^o, pag. 113.

É bom homem, e um sincero. Honra-
do e leal. Teu, por isso mesmo, passado
por mãos bocrados e sofrido injustiças.

Crimina:

Dezenove: 10:

Fui hoje ao Porto, com o Dr. Joaquim de
Carvalho, como testemunhas de defesa do estu-
dante Silas Berqueira acusado de parecer-se
cornurrista com mais cumplicidade e tantos sim-
patizantes. Já aqui falei dele no dia 10 de Ago-
to deste ano, nas pag. 21-23.

O certo é que lá fomos, ás 6 h. e meia da
manhã, em automóvel, por essas estradas
húmidas da geada intensa q. caía. Chegámos
à hora marcada, 9 horas, ao Tribunal agora
na rua Formosa, em palacete construído nos
meados do rec.º passado e adaptado á nobre
função da Justiça.

No atrio, acumulação de gente, quer teste-
munhas quer acusados; frio e correntes de
ar; balburdia; pouco ou nenhuma organiza-
ção. As testemunhas somam perto de 300 e
as salas não comportam tanta gente.

Eu não fui chamado com como outras
testemunhas; o júri q. evitar acumulação

e deuora, resolveu q. as testemunhas apresentadas em aditamento fossem só avisadas, na altura própria, pelos respectivos advogados defensores e que as de fora do Porto pudessem retirar p. as suas terras.

Uma coisa que me impressionou foi o ver certo numero de raparigas, na maioria estudantes, acusadas de comunismo, a espera de serem chamadas á sala do Tribunal, com expressões de viveza, não direi de alegria mas de confiança e de fé. Naquelles cerebros o que havia? Não sei. O que vi foi que, quando chegou a vez de serem chamadas, havia entre essas raparigas e outras q. ficavam uma troca de olhares, de olhares e gestos calmos, com as devidas proferções, os tipos martires se ofereciam ao sacrificio.

É possível que o os meus olhos e o meu estado de espirito vissem coisa diferente do q. realmente se passava. Mas fiquei com a impressão de que havia naquelas callecinhas, algumas bem galantes, qualquer pó de ideal que lhes dava aureola de sacrificadas — e isso comoveu-me. Como é que se chegou, em Portugal, a este estado de sublimação por um deus tri-

na que na pratica se apresenta sobre qualquer especie de idealismo e se ~~impõe~~ por processos brutais, contrarios a todas as liberdades individuais por que o mundo se bate ha seculos e seculos? Não sei. O que sei é que me commoveram aquellas expressões de exaltação intima e confiante.

Outra nota curiosa foi a qualidade de certo numero de testemunhas de defesa. Havia de tudo: categorizados integralistas como o Luis de Alveida Braga; monarchicos liberais como o prof.^o Herculano Monteiro, do Porto, o prof.^o Vieira de Alveida, de Lisboa; dois padres seculares e um missionario do Espirito Santo; escritores como o Ferreira de Castro, Gaspar Simões e Augusto Carimiro — enfim, uma amalgama de individuos de varios credos e ideias, com expressões de boa disposição, e alguns com ar de certa alegria. O dr. Herculano Monteiro dizia p.^o o dr. Joaquim de Carvalho:

— Eu entendo que um professor deve sempre defender os seus discipulos. Eu tenho á meus discipulos acusados não sei de quê: a minha obrigação é estar aqui.

O dr. Vieira de Alveida, que serviu, disse do lado, com certa vivacidade, que esse mesmo

critério o fizera sair de Lisboa. E a' saída, quando vínhamos p.^o o comboio, o Luis de Alen. de Braga diara ao dr. Joaq.^{mo} de Carvalho que viera ao Tribunal como advogado de uns acusados e que o processo era uma monstruosidade.

Conclusão: não fui chamado mas não deixei de per acite. Lá iri quando o advogado me chamar.

E aqui estou em feito de defensor de suspeito comunista. Mas, perante a carta que o Silas Cerqueira me escreveu, entendi que não tinha direito a recusar. Não sou professor, mas pareceu-me que não devia negar a m.^a solidiedade perante a perseguição.

Ora na viagem, quer na ida, em automóvel, quer na volta, na automotora "foguetê", a conversa com o dr. Joaquim de Carvalho foi, como hoje se diz, substancial. Conversar com o dr. Carvalho é sempre um prazer espiritual; tem os seus critérios ás vezes arrevezados, como de homem que paira m.^{to} acima das realidades, mas é um encanto ouvi-lo seja sobre o que fôr.

De toda a conversa quero apenas aqui referir um facto m.^{to} curioso a respeito do Padre

Ant.º Nogueira Gonçalves e da nomeação para a cadeira de Estética e Hist.º da Arte, da Facult. de Letras, do Luis dos Reis Santos. A nomeação deste é já conhecida por imposição do Sr. Lazar devida a instancias do banqueiro Espirito-Santo recentemente falecido; mas o que eu não sabia é que a exclusão do Padre Vene uma das razões na sua pouco creença religiosa. Assim mesmo. O dr. Carneiro disse-me que alguns colegas e nomeadam.º o Manuel Lopes de Almeida, entendiam que o Padre Nogueira não era sufficientem.º crente e, como tal, não deveria ser nomeado...

Os tartufos... E o Reis Santos, o antigo dançarino de camp.º de circo de Laurencos Marques será sufficientem.º crente?

Ora bem. Depois de umas dez horas de impressões da mais variada especie, chegamos aos e salvos.

É o que se quer.

Coimbra:

Dezembro: 15.

Vi hoje ou ontem no jornal Republica uma nota curiosa tirada dos Anais do Município de Lisboa, por consequencia, exacta

relativamente ás barracas ainda existentes em Lisboa habitadas por famílias pobres. São em numero consideravel e presta-se o caso a commentarios, a nota fica colada no final do vol. (1)

Bem sei que não é de fé para a mão q. se acalo com esse mal social; mas esta situação politica que tanto dinheiro gasta com igrejas e outras coisas inúteis e blasona de ter resolvido problemas que a Republica de 1910 a 1926 não foi capaz de resolver, poderia ter feito mais algum bem nesse sentido. E em vez de deixar construir predios de luxo e rendas caras como se vê a todo o momento e deixar importar um pequeno numero de carros caros q. não correspondem ao nivel de vida, melhor auidaria se cuidasse mais a sério dessas miseraveis habitações.

São milhares de barracas clandestinas; e, posteriores a 1843, construídas 1:194 — o que quere dizer que estas não são da culpa a Republica democratica e parlamentar.

Enfim, não vale a pena commentar. Por essas e por outras é que não se oculta me man-

(1) A pag. 415.

Deu pelo correio as duas quadras que ficaram
já aqui já memórias:

Cortejos e procissões,
Fátima, fados e bola,
São estas as diversões
Dum povo que pede esmola.

Trinta anos de incultura,
Vinte de Caixas Sindicais,
Trinta de Ditadura,
Arre, p..., que é de mais.

Coimbra:

Dezembro: 31.

Vai acabar o ano q. foi bisexto e, como
os outros, não deixa saudades.

E para remate, vai só nota dos dias que
passei em Coimbra e outras das despesas com
seguintes às minhas constantes deslocações.

O ano teve, como é natural, 366 dias.
Tive a paciência de fazer um gráfico que acu-
sou o seguinte:

Em Coimbra:	183 dias;
" Lisboa:	90 " e
na Paz	93 " .

Como se vê, a soma dos dias de Lx^s e de Paz, dá exactamente os 183 — equivalente aos que passei aqui. Por consequencia, passei metade do ano fóra de casa — o que para mim é bastante pouco. Mas, enfim, é assim esta parca da vida.

Quanto ás despesas com as variadas deslocacões, tornáram a boz quantia de 1:689#30 (um conto, seiscentos e oitenta e nove escudos e trinta centavos).

Quer dizer: passo metade da vida fóra de casa e nessas deambulacões gasto quasi um conto e setecentos escudos...

[Faint, mostly illegible handwriting, possibly bleed-through or a second draft. A large circular scribble is present in the middle of the page.]

1894

... e a ...
 ... O ...

... e a ...

... e a ...

1957

... e a ...

... e a ...

... e a ...

... e a ...

... e a ...

... e a ...

... e a ...

... e a ...

... e a ...

... e a ...

... e a ...

... e a ...

isso não queria faltar tanto mais que o título da confer.^a era: O Museu Machado de Castro e o patrimonio artistico da Nação.

Sabendo já de que o Reis &.^{to} é capaz eu queria ouvi-lo e não perdi o meu tempo. Devo até dizer que ia decidido a falar, no final, se ele dissésse qualquer coisa claram.^{te} desagradavel para o velho Ant.^o Augusto Gouveias. Já decid.^o a fazer escandalo e levá-lo preparado um improviso; e nessa expectativa ia incomodado e preocupado.

Felizmente não foi necessario tal recurso se teve q. o Reis &.^{to} largasse uma ou outra referencia desagradavel.

Por ex.^o: falando da actual ciencia da museologia, que parece só é accessivel a certos privilegiados, classificou (embora indirectamente) o antigo museu III « museu de recordações de familia » como dizem os Ingleses; e entrando na apreciação das qualidades que deve ter um Director de tais casas, disse que n'outros tempos bastava ser arqueologo, critico de arte, escritor e mais não sei o quê para se ascender a tal cargo. Ao citar certos monumentos artisticos de valar, de Coimbra e arredores, fazia-o com ares de quem os tinha des-

culherto e notado, pela primeira vez, o seu verdadeiro merecimento.

Etc. Etc. Etc.

É sempre com maneiras de superioridade e importância que, estou convencido, comecemos n.ª gente e o elevam no conceito do cumprimento inculto e sempre pronto a endossar qualquer aventureiro que appareça.

Ao vir j.º casa e ao pensar tristemente no que aviri, resolvi responder ao Reis Santos lá mais j.º deante, em conferencia subordinada a este titulo ou qualquer outro semelhante: «Antonio Aug.º Gonçalves: fundador e organizador do Museu de Mach.º de Castro.» E como o Fernandes Martins não me larga j.º eu fazer uma conferencia, oferecerei esta á Societ. de Defesa e Propaganda e solicitaré que ela seja lida na sala do Museu onde hoje estive a ouvir o Reis Santos.

Durante o verão, na Paz, terei tempo e vapor j.º escrever a resposta devida. E o caminho não perderá com a demora.

É claro que não será outra j.º suscitar polêmica; mas procurarei pôr as coisas no seu lugar.

Lisboa:

Marco : 6.

O general Joviano Lopes, ultimam.^{te} nomeado comandante da Repião m.^a do Porto esteve hoje ou ontem no Collegio Militar e de- tem um neto. Veiu ha pouco dos Açores e na passagem por Lisboa foi, au.^{to} naturalmente, ver o neto e falar com os professores.

Meu genro, Christovão de Sousa Li- ma, como professor de rapaz foi abordado e co- mo tambem não patricio, a conversa alargou- se a outros assuntos. E o Joviano Lopes teve esta saída a proposito de Lisboa:

— Lisboa não tem ninguém q. presta apesar de aumentar a população constante- mente.

Perante qualquer observação do Christo- vão que não percebeu, ele explicou:

— Sim, desde o Marquês de Pombal q. Lisboa não tem ninguém... O Marquês ma- tou os Pavoras e expulsou os Jesuitas: quem é que ficou?

Quer o Christovão quer os circunstan- tes ficaram a olhar uns para os outros. E o ca- so é que a frase foi dita muito a serio e como

lhe parecesse que causou estranheza ao audi-
torio, repetiu-a e glossou-a.

Aqui fica o meu commentario.
Um general com o curso do Estado-maior
e ex-professor dos Altos-estudos...

Coimbra:
Marco: 25.

Chegarão-me hoje os primeiros dez
exemplares do meu trabalho sobre o Saldanha.
Até que enfim vejo realizado o empreendimento
que já imaginava impossível.

O volume não está ruim, tem bom aspecto,
mas juntamente vinha a factura da imprensa
que me vem lembrar a tristeza de nunca ver
remuneração para os meus esforços. Pagarei,
é claro, qualquer dia e fico-me na duvida de
haver compensação, por pequena que seja, pa-
ra a despesa feita e p.^o o trabalho que tive.

Enfim... É a m.^o vida que não pode ter
outra derivação.

Coimbra:
Marco: 28.

A pedido da Augusta Duarte Silva que
se tem dado ultimamente com a D. Maria

De Eça de Queiroz de Castro, a filha mais velha do Escritor, mandei a esta senhora um exemplar da 1.^a conferencia Eça de Queiroz (Alguns aspectos militares na sua obra) lida no Instituto em dezembro de 1945.

Hoje recebi uma carta da Augusta e juntamente um cartão de agradecim.^{to} do filho do Escritor e uma carta desta J.^a Augusta da qual transcrevo os seguintes períodos:

«S.^{ta} Cruz do Douro: 25 de Março, 1957.
— Minha querida Mademoiselle. — Estão em grande falta coisas! Mandou-me, no Natal, seu principio do ano, uma conferencia do seu primo B. B. Li-a, dei-a logo a ler aos meus filhos, gostámos imenso dela, apreciámos a maneira cheia de espirito de apresentar os "aspectos militares" da obra do meu Pai, rimos ~~com~~ a tom rir das citações e forma supentosa como o fez... e não lhe digo uma palavra, não lhe agradeço — a si que a mandou e a seu primo que a escreveram, a admiravel conferencia que tanto prazer nos deu! É imperdoavel, mas espero que ambos me perdoem e creiam na minha gratidão. — Como tão bem...?... tudo quanto

diz respeito a meu Pai que interessa, como
 me, enterneca e é logo acolhido por mim com
 alvoroço! Infelizmente meu sempre fico na
 dúvida com o que teio — e portanto hoje é
 com imensa satisfação que lhes venho agra-
 decer. — Junto com bilhete para seu Primo
 a quem peço lhe faça chegar ás mãos. — ...

... Sua
 reunião dedicada — (1) Maria d'Espa de Quei-
 roz de Castro. »
 Aqui está um modo de encerrar a mi-
 nha palestra muito curioso e que não deixa
 de ter certo fundo de observação.

Junto com a carta vinha um cartão de
 visita que dizia:

« F. ... com os seus cumprimentos,
 agradece a magnifica conferencia sobre o
 seu Pai que agradeceu, admirando tambem
 a espirituosa maneira com que U. ... a apre-
 sentou sem lhe tirar todo o interesse. E' com
 gratidão que vai este agradecimento. »

Dizei, como se diz ao povo: ao menos
 valla-nos isto ...

de la casa de S. ...
 Coimbrã: ...

Março: 29.

Veuu hoje a noticia nos jornais da man-
 te do coronel Alberto Faria de Moraes, direc-
 tor do Arquivo Hist. Militar. Sabia-o de seu-
 te, mas não em perigo.

Impressionou-me a noticia. Como fi-
 cou escrito nestes cadernos, foi ele a causa
 do meu trabalho acerca do Saldauba não con-
 seguir o pelesidio do Estado-maier; fiquei
 considerando o homem como reaccionario
 pouco inteligente e, embora me falasse pen-
 que me o encontrarei em Lx.^a, passei a evi-
 tar relações. O que se diz vulgarmente:
 pu-lo á margem.

Agora vem a noticia da morte e senti-
 me impressionado, quase sensibilizado e
 sem querer relacionei o triste successo com
 a vinda p.^o m.^o casa dos 250 exemplares da
 obra que ele evitara q. se publicasse a es-
 ta do Estado-maier.

Simple coincidência, é bem certo.

Mas tambem essa simples coinci-
 dencia me incomodou. Porque?... Sei lá por-
 que! A verdade é que a velhice tem destas

coisas e a noticia que, nestas circumstan-
cias me passaria sem abalos, desta vez in-
comodou-me.

Escrevi á minha. E se estivesse em Lx.
iria ao funeral.

Coimbra:

Abril: 2

Estive hoje aí o Alvaro Vieira de Lemos
melho amigo a quem ofereci um exemplar
do meu «Saldanha.» Já tem grande parte e
meu agradecer e dizer que gostou.

Este aplauso do Alvaro é me agradável
porq. se não gostasse tambem o dizia. Mas a
surpresa da visita foi o ele dizer que, ao ler o
capitulo relativo á campanha de Montevideo,
se lembrou de que, em tempos, lidára com al-
guns professores uruguaianos e estes lhe afir-
máram que as arpanizações do ensino, em ge-
ral, na sua patria, se fundavam ainda nos
principios pedagogicos implantados durante a
ocupação portuguesa de 1817 em diante. E o
Alvaro perante ~~o~~ a duvida natural que
tem do valor literario e pedagogico dos milita-
res que constituíam a expedição, perguntou-
me se o mar.^{al} Saldanha (que foi governador

da cidade de Montevideo) não teria influencia no assunto. E abrindo uma pasta entregue-me dois livros uruguaianos que tratam da historia da instrucção naquelle Republica, um dos quaes se refere á reforma imposta pelos Perbiqueres adoptada depois pelo governo independente. E o Alvaro acabou por me incitar a estudar o caso que seria interessante pois lhe parece que o unico capaz de ter no assunto alguma influencia seria o Saldanha.

E aqui está um resultado curioso da leitura do meu trabalho: o Saldanha possivel pedagogo!

Mas o estudo do caso já não é para mim. Já me falta o fôlego.

Coimbra:
Ateril: 11:

Mandei hoje a seguinte carta ao escritor e professor Joel Serrão:

« Sincera V. desculpar q. um obscuro leitor dos seus trabalhos venha com esta carta que poderá ser impertinencia. Mas eu li agora, com a atencção devida, o volume Cesario Verde ha pouco apparecido e notei dois passos para

os quais tomo a liberdade de chamar a atenção de V. Ex.:

A) A pag.º 183 e 205 ha nas cartas de Cesario referencia a uma Valentina que U. na nota (20) supõe ser « actriz celebre na epoca. » Não será a mesma referencia a Valentina de Lucea, pseudonimo literario de D. M.ª Analia Uaz de Carvalho que, por esse tempo, publicára as « Vozes do Ermo »? Este livro mereceu a Junqueira, como é bem sabido, uma poesia incluída na « Mesa em férias » e foi criticado por Silveira D'Alto a-proposito do prefacio de Latino Coelho, como tambem é sabido. Quanto á actriz celebre, devo dizer que me não lembro de ouvir falar em tal nome, pois era natural que esse ~~nome~~ celebridade, se pelo menos a fama, viesse até á minha mocid.ª já bastante longinqua.

B) A pag. 187, Cesario fala, em carta de 1879, de uma Revista de Coimbra; e U... diz em nota (33) que julga tratar-se dum lapsus calami. No entanto, naquelle anno de 79 houve de facto uma Revista de Coimbra de que se publicaram 3 numeros, dirigida pelo prof.º Barreira Barata e em que Cesario colaborou bem como Coelho de Carvalho. Não tenho, na me.ª colleção, esta revista; mas estas indicações vêem no vol.º Jor-

uas e Revistas do Distrito de Coimbra de Carneiro da Silva (Coimbr., 1947) que é obra de confiança.

Termino por este conselho: por pedir desculpa da caturrice natural em velhos; mas gosto sempre, desde q. esteja ao meu alcance, e me querer dar lições e por saber bem quanto costam trabalhos dessa arte, de prestar simples esclarecim.^{tos} quando ha duvidas. Affirma isto, ha sempre o recurso do custo dos papeis e thos p.^o as coisas inúteis ou impertinentes. Não ha a Guerra a creditar, etc. etc. »

Coimbra:
Abril: 14:

Recibi hoje lithete de Joel Ferrão que responde á m.^a carta de 15 outras copriadas. Se bem q. aquael e com agradecimentos e promessa de reedificação meua prox.^a 2.^a edição do livro, dá-me vaza impressões de q. o haueem não gostaria das succedidas.

Coimbra:
Abril: 24:

La fui ontem novam.^{te} ao Porto, á audiência do Tribunal Plenario em que está a ser jul-

gado o Silas Berqueira. Na sala das testemunhas estava um grupo notavel: o dr. Vieira de Almeida, o dr. Joaquim de Carvalho, o Antonio Sergio, o romancista Ferreira de Castro, o Joao Gaspar Simoes, a escritora Eliza Lusa, o Augusto Casimiro e nao sei se mais alguem do renome. Tratava-se da defesa do Oscar Lopes e do Silas. Na verdade o friso de testemunhas era notavel, mas eu estava reunido no meio de tanta celebridade.

O pai do Silas, o dr. Manuel Berqueira, graduado pastor da Igreja Baptista do Porto levou a sua casa, para alucosar, as testemunhas do filho: o dr. Joao^{mo} de Carv.^o, o Sergio, um outro pastor baptista, Martins, de Leiria e eu. Foi um alucosco... espiritual, no Tabernaculo Baptista, na Praça Marquino de Alpuquerque, edificio de boa apparencia, com o templo ao lado, tambem de arquitectura aparatosa. A parte a excellente cozinha que desmentia um pouco a conhecida austeridade da igreja reformada, o alucosco foi cheio de elevadas discussões entre o Sergio e o dr. Carvalho que desde Kant e Hegel até ao problema actual da abundancia da batata, manobreram os comensais em perfeita lencão de espirito. Eu ouvia atentamente e ia saboreando

do a excelente coziya que me trouxe a coisa divina porque desde as 6 h. da manhã não conseguira tomar qualquer ~~o~~ alimento; e depois da coziya com saberosos filetes de pescada e a tenra e apetitosa galinha cozida. No fim, doces e fruta, com chá e café d'escotcha. Para um tabernaculo evangelico... foi um festim escandaloso a que se juntaram as afirmações avançadas do Sergio em tanto opostas ao conservantismo do Dr. Carvalho.

De volta ao Tribunal, sentado na desagradavel sala das testemunhas, ia notando a alegria exultante sempre do Augusto Casimiro, a constante attitude de ju'dica do Adv. Sergio, a bonhomia do Ferreira de Castro, a vivacidade do Dr. Vieira de Almeida e a razonavel do Gaspar Simões. Sentando-me ao lado do Dr. Joaõ de Carvalho e reproduzindo estas m.^{as} observações, repari na sua reserva, como quem não estava disposto a dar opiniões. Apenas, na referencia que fiz ao Sergio, ele balbuciou:

— Esta sempre com a fôrula no mão quando fala...

E pouco depois acrescentou:
— Não me desculpo a má vontade que tenho para com os bisneiros da Republica... Ha-de

ser sempre o mesmo individuo que quebrou
a espada em Outubro de 1810...

É a seguir a uns segundos de reflexão:
— Pôde o meu Am.^o acreditar: o Sergio não
seu a República... Tenha a certeza: não a pey-
te como nós a sentimos...

Eu já notára, por varias vezes, que entre
o Dr. Carv.^o e o Sergio havia qualquer coisa que
os separava; no encontro de ontem o caso foi
mais patente e verifiquei até certa inconsu-
tibilidade. — eucohera, e' claro, pelo trato agrada-
vel de gente educada.

Coisas de filosofos...

Quando cheguei a m.^a vez de ir depôr, está-
va verdadeiramente caçado e numma tenção
nervosa desagradavel. Eu não sei responder
a advogados e a m.^a meá disposição agravou-
se com o aspecto do Tribunal e a meá luz pro-
jectada que me fez hesitar ao aproximar-me
da mesa em meia tua sede estavam sentados
os juizes. Enfim, lá respondi ao advogado, o
dr. José Domingues dos Santos, cauterme cau-
reguei responder e quando me disjunha a di-
zer qualquer coisa que levava mais ou menos
pensada, ouvi a frase sacramental: «estare
satisfeito!» e o juiz presid.^{ta} dizer-me que jo

dia retirar-me. Levantei-me, fiz a cortesia do adeus e saí; pe levei que minha patifetice por me ver livre da alhada em que me envolueram, senti-me contrariado porque fiquei com a impressão de que não tinha cumprido bem com a obrigação que aceitei. A consciência acusava-me de não ser mais claro nas exposições e de não reagir como devia ao ouvir o «estou satisfeito!» do advogado.

Ao descer pela rua Formosa á casa de uma casa de chá f.º aquecer e molhar as gnelas, eu ia sentindo a inutilidade de tanto trabalho e da esperança q. o Silas Bergueira depositava na minha presença. O chá e torradas q. fedi num excelente palão, quasi ao fundo da rua, não me pauberam como costumam palear torradas com o espirito mais arreute. Saí-me ergo. Xado; desde as 5 h. da manhã q. estava a pé; fizera o percurso pela Figueira no carro do excelente e simpatico dr. Rui de Figueiredo; esperára na sala das testemunhas, horas e horas, debaixo de tensão nervosa grande. Tudo isto me cansou e o desfructo feito ainda mais me amanchou e deixou convencido de que, afinal, sou um inutil. Com 77 anos não conseguí responder como devia a um

adivado que, aliás me encheu de atenções e deferencias.

Fui ainda a' Foz, a casa do meu polerinho Fleury onde jantei e onde tratei de outro caso melindroso que, né lá! foi tratado com certa calma e diplomacia. Meti-



me no comboio das 23 horas, em S. Bento, e aí venho eu, só, entregue a todos estes jantamentos, enquanto o comboio se arrastava por estes cento e tal quilómetros até Coimbra.

Deitei-me eram quasi 3 h. da manhã; notei que andava lá quasi 24 horas a pé, de baixo duma tensão dos demonios; adormeci pouco tranquilo.

Hoje, de manhã, antes do almoço, não deixei passar o tempo sem escrever esta carta q. segue ao Filas Berqueira — como des cargo de consciencia:

« Não fiquei ontem satisfeito com o meu desempenho; fiquei, até, pouco satisfeito. Vim incomodado com a ideia de que a minha presença não deu á defesa de V... a minima parcela de vantagem ou de prestigio. Fleury.

damente o confesso. — Levava intenção de dizer certo numero, embora pequeno, de coisas; a orientação, porém, que o advogado deu ao interrogatório, alterou-me o plano e como não sou repentista dei respostas que não sei bem o valor q. tiveram. Causa que vim incomodado com a preocupação de ter estrapado o trilhão do conjunto que as illustres figuras do dr. Joaquim de Carvalho e Antonio Zepes indiscutivelmente infringiram ao acto e que U... merecia. — Oxalá esteja tudo as coisas por justiça pessimista. — Como tinha pressa de ir á Foz falar a meu polvinho, não me despedi, etc. etc. »

A carta seguiu ao seu destino. Arrre Diabo!... Decididamente não sirvo para tais balauços.

Coinhbra:

Abril: 27:

O Sr. Monteiro em cartas successivas, ultimamente, insiste na minha candidatura á Academia das Ciências e á Academia Portuguesa da Historia. O meu trabalho acerca do Saldanha deu-me no gôto e entendo que de

vo apresentar - me como candidato às duas
 imortais instituições. Tenho respondido que
 desseque o espirito e não se preocupe com re-
 quelhantes ligatelas. A imortalidade deve
 ser uma grande estopada... Mas ele, bom
 amigo, como é, insiste.

Vê-se que não tem m.^o em que pensar.

Coimbra:

Maio: 2:

Ora eu hoje decidi-me e resolvi pôr
 de lado a resposta... Mandei ao Frederico
 Lopes da Silva, chefe do Est.^o Maior General, o
 officio que vai transcrito abaixo. Dirigi-o ao
 chefe e não á pessoa; is impessoal e junta-
 mente mandava um exemplar do meu tra-
 balho sobre o Baldanha com o simples carim-
 bo «Oferta do autor.»

Vamos a ver o que meu amigo alferes do
 Grupo de Metralhadoras responde. Tenho, em
 todo o caso, pouca esperança.

«^{mo} Ex.^o Sr. Chefe do E. M. G. — Torno a li-
 berar de mandar a V... um exemplar do meu
 trabalho «O Marechal Baldanha...» Como o
 trabalho tem todo o característico militar, atri-

vo-me a solicitar de V... uma autorização para que as unidades e repartições que possuem biblioteca possam adquirir a obra — a não ser que V... entenda que poderá mandar adquirir o num.^o de exemplares necessários para serem distribuídos. — Devo, porém, informar-lhe de que em 1952 solicitei do antecessor de V... um subsídio para a impressão do trabalho. Todavia, apesar de toda a boa vontade e interesse cooperativo do ilustre Chefe do E. M. G. a maioria dos oficiais encarregados nos termos do regulam.^{to} de ter a obra, foi de opinião de q. o Estado a não devia subsidiar. — E a obra, realmente, ficaria inédita se não fosse o generoso acolhimento da Univ.^{rid.} de Coimbra q. a fez publicar na sua principal Revista. — E' um exemplar da separata do vol. XVIII desta Revista que torno a liber.^{to} de oferecer a V... para poder decidir afirmativa ou negativamente a me.^a solicitação. — Coimbra, 1 de Maio de 1957

— A Bem da Nação — (a) —

Veremos o que responde o meu amigo alferes. Refiro: tenho pouca esperança em resposta favorável.

Crimbra:

Maio: 14.

Encontrei hoje, na rua da Calçada, ao descer a rampa da rua do Corpo de Deus, o Afonso Duarte. Vinha arrimado a uma mulher, do lado esquerdo, e apoiado a uma bengala na direita. Dei-lhe um abraço. E sensibilizei-me. As lagrimas vieram-me aos olhos. Ha quasi um ano q. o não via, desde a homenagem; encontrei uma autentica ruina. Triste coisa a invalides! E está quando ataca, desta maneira, um homem como este... como é que se pode acreditar na harmonia do Universo! na beleza da Vida! na perfeição da Natureza!

Vim circumodado para casa. E de mais a mais o cerebro continua vivo, do mesmo modo, a assistir ao descalabro do corpo. Parece-me que encara o seu caso com estoicismo. E ainda bem, o estoicismo sera uma ~~arma~~ forma da coragem ou da resignação conforme os temperamentos.

Bom Afonso Duarte! Ha mais de 50 anos que o estimo e o considero — desde os tempos em que ele era cadete de Cavalarias e rapaz desevolto. O que a Velhice faz!

Coimbra:

Maio: 25.

Ontem recebi, mandado pelo Afonso Duarte, o volume das suas Obras recentemente publicado. Trazia offerta manuscrita a qual que me sensibilisou.

Hoje, depois do almoço, fui a casa dele agradecer. A residencia e' no n.º 78 da rua do Corpo de Deus, num velho prédio cujas traças deitão p.º o Jardim da Moura. Fiquei deitado...

Ha dias foi o aspecto de invalides que me incomodou. Hoje foi o aspecto da casa. Como e' que uma creatura de superior intelligencia e sensibilidade. Tão apurada pode viver ali, em casa velha, sem comodidades, como se fosse um modesto estudante sem recursos? A sala onde me recebeu tinha uma velha mesa de jogo fechada em duas e umas 3 cadeiras ordinarias e nas paredes uns retratos de oleo, a pastel, a carvão, de artistas novos. E mais nada! Nas janelas, nem uma cortina simples que fosse!

Conversámos animadamente; mas não tive coragem de lhe dizer que o que via era estoicismo devariado. Na verd.º aquela

maneira de viver era excessiva. As suas condições de vida, isto é, os seus remedios, dão-lhe já certo conforto. E ao passar no corredor avistei uma mesga do quarto de dormir onde vi uma cama de ferro simples, verdadeiramente de estudante pobre.

Por fim, saí dali igualmente incomodado, se bem que ele me deu a impressão de viver assim perfeitamente à vontade, completamente identificado.

Questão de Temperamento.

Cimlra:

Junho: 17.

Ontem lá se realizou a excursão da Socied. de Defesa e Propaganda de Cimlra á vila de Miranda, conforme suposto minha e realizações do Fernandes Martens, Pai.

Já de há muito os jornais noticiavam o grande acontecimento: em 27 de Abril, há quase dois

mezes já a Re-
publica diz o
que aí fica, ao

— A Sociedade de Defesa e Propaganda está a preparar uma excursão a Miranda do Corvo. Será ilustrada por uma palestra do sr. coronel Belisário Pimenta, escritor, conferencista e investigador de mérito e probidade.

lado, para memoria. Mas só ontem, depois de varias negociações e tratativas é que se

realizou a função. Nada deixarei aqui
 porp. os jornais falaram sufficientemente
 e ficaram guardados na Miscelanea de Mi-
 randa do Cerro, vol. III, os recortes necessá-
 rios para a Historia.

E adiante.

E já agora deixarei colados no final
 deste volume dois recortes tirados do jornal
Republica: um deles é o da circular que
 os monarchicos mandaram para comecar
 uma recepção ao illustre senhor Duarte Nu-
 no; outro, 2.º contraste, transcreve pala-
 bras do Cavalleiro Lopes, no Brasil, quando
 falava perante o Congresso.

Está ficado para memoria. (1)

Paz (Mapa)

Julho: 4

Cá estou, novamente, no deserto, des-
 de ontem. A vida continua assim, sem
 a poder travar. Pois que continue; eu dei-
 xarei correr sem pôr obstáculos.

(1) No final do vol.º, a pag. 417. e 418.

Paiz (Maíra)

Agosto: 10.

Vim hoje aqui a visita do pintor Aires de Carvalho, conservador do Palácio de Maíra e crítico e investigador de Arte. Veiu acompanhado pelo professor primario aposentado Paul Agostinho de Almeida que ha muito me annunciava a visita.

O Aires de Carv.º esteve ha tempo em Coimbra onde foi procurar o D.º Wagueira Gonçalves por causa dum trabalho que quere publicar acerca do escultor e architecto francês La Prade que trabalhou em Maíra; este artista foi, enquanto em Portugal, paiz das Guardas Reais, da reccão das rainhas reuheres de D. Pedro II e de D. Joã V; e como o Padre dissera ao Aires de Carv.º que eu lhe poderia explicar o funcionam.^{to}, organização e valor das ditas Guardas, este veiu aqui pedir-me informações.

Expandeu-se, parece. Eu nada sei a respeito de Guardas Reais nem, francamente, me importo com tal assunto. O Padre exaggerou o meu saber e esse exagero vai obrigá-me a escrever p.^o o Arquivo Historico Militar e talvez para o Gastão de Melo de Matos

que é especialista a esse respeito. Mas, em fim, é deueo o auxilio mutuo.

O Aires de Carvalho é homem dos seus 40 e tal anos, desocupado, mais alto do que baixo, moreno, com o cabelo já a brancuear; é simpatico, logo de entrada e f. la desembragadamente.

Expôr - me o seu caso e queixou - se justamente das dificuldades encontradas nos nossos arquivos, da resistencia dos seus directores a qualquer busca mais iurbina que vá mexer em documentação menos explorada, etc. etc. — queixas que eu de ha muito conheço e que, segundo vejo, continuam para gloria dos nossos estudos de investigações...

Gostei da visita do Aires de Carvalho que me ofereceu o seu volume recente sobre a escultura no convento de Mafra. E pareceu - me que a oferta surgiu depois de eu lhe falar em assuntos de arte e lhe dizer até q. fui gravador em madeira; naturalmente julga - me simplesm.^{te} um coronel reformado com estudos de historia militar e capaz de lhe dizer como estavam organizadas as guardas reais no tempo de D. Pedro II e D. Joao V.

Paz (Mafra)

Agosto: 15.

Está' estarei eu, mais uma vez, a lembrar com certo enternecimento, o dia de festa que era auspiciosamente em Coimbra, o dia de hoje, o dia da Senhora da Nazaré de Trilheira que se festejava no lugar da Trilheira de Trados, perto de Tavero.

Encontrei lá pouco, revolvendo em Coimbra papéis velhos, um bocadinho de grossa escripto neste mesmo dia de há 49 anos ou seja aos 15 de Agosto de 1808. Aqui o deixo ficar, já agora, como documento aliás sem demasiada importância:

«A serenidade da tarde oliviana me a sair de casa; o sol ao desaparecer por detrás da cidade, deixou um triste tom de suavidade em tudo e eu senti repamente um desejo de ver a tristeza do campo e do rio. Desci á ponte: o verde triste das árvores entristecia o olhar, as oliveiras da encosta de além uniam-se na mesma côr escura do entardecer e as curvas das colinas para o poente recortavam-se num céu já no azul-verde de esplendido crepusculo.

Estava tudo numa desordenada beleza. Gente passeava, mas eu atravessei á pressa o largo e entrei na ponte. O areal do rio estava transformado num alegre e vivo arraial de onde subia, até acima, o ruído alegre do bulício e o cheiro forte do peixe frito.

Ranchos estiravam-se ao longo da balna dos palqueiros, cantando e dançando; outros, a meio da areia, comiam os restos da merenda tradicional; e os rapazes, atentos e firmes, seguravam os seus papagaios de papel, altos, muito altos, seguros por cordões que a ~~uma~~ vista perdia de segui-los.

Do tempo, para os lados de S. Martinho, estalavam foguetes. Era a tradição duma terra, ali, impregnada de alegria e satisfação; era o atarismo duma merenda no areal e dos papagaios de papel, ali, á minha vista triste.

Artilharia; os foguetes, ao tempo, já deixavam no céu nuas lágrimas luminosas e crepitantes; sob os palqueiros acendiam-se fogueiras de folhas secas; e lá do alto, vagarosos, curveteando, começavam a descer esses divertimentos de papel de seda e cana.

Vinha do areal a nota alegre da festa; havia descautes, desafios. Pela ponte começava

a desfilar gente que entrava na cidade, com os cestos vazios do farruel que foram comer a alguma sombra da encosta. Um ou outro carro passava cheio de gente que berroua, mostrando a todos que tinham bebido... Pelo ar havia o tom festivo do nosso povo em dias de romaria.

Ato longe, os foguetes aproximavam-se; cada vez se avizinham mais; ouviam-se uns vivas de alegria: era a bandeira da Nazaré que se aproximava. Havia um clarão na estrada; o rozear era maior. Do arreal tudo correu, apapou as fogueiras e subiu á estrada alegremente. O rozear era mais perto; havia jorina no ar, em novelões; e começaram então a desfilar umas procissões infinitas de carros, vindo á frente um com a bandeira da Senhora da Nazaré de Taveiro, hasteada por um homem de peissas e ladeada por archotes. Seguiam-se os outros carros, gravemente, iluminados por archotes, apinhados deromeiros já bebidos e mulheres q. cantavam um pouco esgarçadas.

Um tropel de gente seguia os carros, em turba-multa, aclamando a bandeira e a Senhora da Nazaré. Havia um vago cheiro a vi-

ulho; a ponte estremeia; e lá seguiu tudo pa-
ra a cidade, alegremente, com os vivas da
tradição e da ignorância:

— Viva a Mãe - Santíssima!

Fiquei - me na ponte e só depois voltei
a casa, lembrando - me, com saudade, de q-
ha anos já não passo este dia em Coimbra.»

Como se vê, prosa fraca mas com
premissões. Vai como a encontrou, não alte-
rei uma palavra.

É certo que eram notas ao correr da pe-
na e sem revisão; e como tal aí ficam, po-
tível documento de que a festança da Nazaré
da Ribeira sempre me impressionou desde
os tempos de criança e de minha preocu-
ção de prosa descritiva a propósito de qual-
quer coisa que visse e ligeiramente me fe-
risse os sentidos.

Paz (Matra):

Agosto: 20

Hoje appareceu aí um coronel de Euge-
niana na reserva, de nome Baptista, creatu-
ra que se especializou no conhecimento das
linhas de Torres, desde o tempo em que foi

director do arquivo da sua arma. E' homem
falador, com certa maneira dogmatica que me
deu ha anos a impressao (quando o conheci)
de que era um tanto ou quanto superficial pa-
ra não dizer mais ou menos aldrabas...

O coronel veio a Paz porque vinha to-
mar posse do forte desmantelado que aqui
houve e acerca do qual eu fiz em tempo um
arbitrio humoristico. A direccao da Engenharia
resolveu restaurar todos os fortes das li-
nhas alegando que os actuaes proprietarios não
tinham qualquer direito a elles e para hou-
vesse escripturas e registos nas Conservato-
rias... E assim já foram intimados os
proprietarios a declararem que perdiam ou
abandonavam os seus direitos.

Perante qualquer expressao de duvida
que mostrasse, o coronel Baptista, espetan-
do o dedo indicador da mão direita, abirou-me
com esta frase irresponsavel:

— A propriedade do Estado e' inaliena-
vel e imprescritivel!

Eu deixei-o falar, enquanto um capi-
tão do quadro dos trabalhos geodesicos ia pro-
curando identificar o relevo do forte ha m.^{to}
arrazado para efeito de cultura.

É ia perpetuando a mim mesmo por
 que é que a Direcção da Eyprech.^a se lançou
 no affaz de restauração de cisternas de for-
 tes sem que se devessem enterrar cisternas de con-
 tos sem proveito de maior. É a unica razão
 que encontrei foi a de dar ao coronel Baptis-
 ta, falador e aldrabão, um tempo indetermi-
 nado de ajudas de custo. Como passou á re-
 serva os proventos diminuíram e o Director
 da arma, seu amigo íntimo e condiscipulo
 do curso, deu-lhe a compensação...

Será ou não será assim. Não quero
 levantar falsos testemunhos; o q. escrevi é
 mera hipótese.

É o que é certo é que m.^{ts} proprietarios
 que compraram, com o seu dinheiro, aqueles
 terrenos, são obrigados a declarar que lhes
 não tem direito...

Pez (Maíra)

Setembro: 18.

Fui hoje a Lx.^a comprar uma funda á
 Casa Barrère. Ha dias surtiram-me, para en-
 tretar, uma ponta de hernia. Mais um acha-
 que como outro qualquer. É' necessario q.
 os velhos tenham com q. passar o tempo.

A vida, sem achiagues e sem incómodos
 peria uma coisa muito insulsa...

Ainda bem que há doenças!

Lisboa:

Outubro: 3:

Vim a Lx. celebrar os meus setenta e oito
 anos. E mais nada...

Se chegar aos oitenta, tenho que fazer
 longo discurso acerca da vida passada. Espe-
 rarei com paciência para daqui a dois anos
 — se não houver moridade.

Lisboa:

Outubro: 5.

Mais outro ano que passa e tudo na
 mesma.

De Coimbra, o Dr. Fernando Lopes con-
 vidou-me, há já muitos dias, para uma
 reunião preparatória de republicanos, com
 o fim de estabelecer um programa de comemo-
 ração. Se estivesse em Coimbra comparece-
 ria se bem que, sceptico como estou, não ve-
 jo vantagens nestes actos.

Mas enfim, dizem eles, é para manter
 algum entusiasmo e não deixar cair de todo

alguma fé que ha ajuda e alguma esper-
rança, nem futuro melhor.

Pode ser q. seja assim. E oxalá que as-
sim seja. Como vivo quase isolado e não sei
o que se passa, é natural que o meu scepti-
cismo não tenha tanta base como julgo.

Assim será.

Lisboa:

Outubro: 19.

Morreu ontem o Vitorino Guimarães, vi-
tornado por enfarte do miocardio segundo os
jornais.

Mais outro que desaparece. E este era
uma das boas figuras da Republica; sem
alardes, sem tocar a campainha dos curau-
deiros de feira, sabia o que estava a fazer e
era estruturalmente honrado.

Foi meu contemporaneo na Escola do
Exercito; e aconteceu que em certa altura nos
encontrámos na enfermaria escolar, em ca-
mas quase juntas, atacados de tifo atá-
que do que então se chamava "influenza, e
hoje, creio, se chama "grippe."

Teve amigo dele e considerava-o mi-
to e com toda a justiça.

Lista:
 Novembro: 15
 Mandeir hoje ao Nicolau da Fonseca esta
 carta que se segue:

« Muito Pres.^o Amigo: Leio com muito agrado os seus artigos no Despertar e ultimamente, com o maior aplauso, a sua defesa da estatua do Fernandus de Sá. Nunca as mãos lhe doam! Já estive para descer á tiza; mas desisti porque receiava ser bruto... O caso já está a pedir o estadulho do José Agostinho de Macedo ou do Garrido — e eu já me sinto com pouca disposição para torneios. — Tenho na minha que esta aversão á estatua vem indirectamente da sua vontade á memoria do Antonio Sup.^{to} Goncalves. Este é que a tirou da arrecadação do Museu Militar; este é que a defendeu sempre e a colocou hoje á vista do respeitavel publico. A coisa deve vir daí. — E viva a Companhia de Jesus por muitos annos e bons! — Pais meu caro: nunca as mãos lhe doam ou, mais propriamente, ~~as~~ nunca a tinta lhe regue na caneta. E com um alerço, etc. etc. »

Trata-se da estatua de Calisto do es-
cultor Fernandes de Sá que o Goncalves pôz
à ~~entrada~~ entrada do Museu Machado de Castro e
depois mudada para o jardim á beira do rio.
Agora querem-na tirar de lá e colocar no jar-
dim o busto do Manuel Barão.

Na verd. no jardim não caberiam dois
grandes honreus.

Lisboa:

Novembro: 21

Resolvi, finalmente, entrepar o meu in-
feliz Saldanha á livraria Sá da Costa que to-
dos dizem ser casa séria e capaz de negociar
com honradez.

Foi um dos filhos do velho Sá da Costa, o
João, licenciado em Letras que me atendeu e, de-
vo dizer, m^{to} afavelmente, ante-ontem. Hoje
voltei lá p.^a saber da resolução do dono da casa
que aceita e aconselhou-me a elevar o preço
de 80/00 que eu calculava para 100/00.

Ficou pois assente em mandar-me desde
já 50 exemplares q. eles venderão com a per-
centagem normal de 30%. Ganharei assim
em cada volume que se vender (se se vender)
a medida quantia de 70/00.

E aqui estou eu reduzido a uma recusa hipotética e difícil e a ganhar, por cada exemplar que por acaso seja comprado por algum meaduro, a quantia de 7000.

«Seu exemplar a futuros escritores!» disse de Camões⁽¹⁾ com carradas de ração. E andei eu a pensar nesta obra aos e aos seguidos, com interesse e muitas despesas!

Lisboa:

Novembro: 23.

Jantei ontem em casa do marquês de Saldanha, d. José Maria Saldanha de Oliveira Daun. A primeira compensação para o trabalho e contrariedades que o suspiro acerca do Marechal me causaram... Um jantar!

Foi o caso que, aí por Setembro, recebi carta dum senhor d. José de Oliv. Daun solicitando informação sobre a livreria onde poderia comprar um exemplar da m.^a obra para poder oferecer ao pai, bisneto do grande Marechal. Respondi amavelmente e disse que, como se tratava de netos do duq. de Saldanha, lhe ofereceria um exemplar com m.^{to} prazer.

⁽¹⁾ Os Lusíadas, c. VII, est. 82.

Agradeceram logo com uma carta a meu-
mel e, já eu aqui estava, em Lisboa, no mês
de Outubro, foram, pai e filho, á Paz para
pessoalmente agradecerem e me conhecerem.

Perante estas provas de reconhecimento
lembrei-me de ir ao encontro deles, desde q.
Vine conhecim.^{to} da visita q. fizeram á Paz. E
assim, ha dias, já, fui á rua dos Faugueros on-
de os dois tem escritório de sociedade com o me-
lho aviador Bleck; fui recebido com certo co-
lar e distincão quer por um quer pelo outro.

O pai, homem dos seus 60 anos, tem um
dos simples; disse-me que ele, como desceu-
mente directo do Marechal, tinha uma grande di-
vida para comigo, dívida que nunca pagaria,
pois o meu trabalho era um monumento, etc.
etc. E de conversa em conversa veio a dizer-
me que usava o titulo de marquês porque o de
duque (a q. aliás tinha direito) era alto de mais
e, além disso, titulos nobiliarchicos sem dinhei-
ro não faziam sentido... E confessou-me que
o pai, o conde de Almorim, official de Cavalaria,
quando morreu, em Africa, brevidade sem com-
bate com gentio em 1897, deixou apenas cinco fi-
lhos e... o titulo. De modo que todos tiveram
que se lançarem ao trabalho. *colaboração D.*

Quando me despedis, solicitou-me um favor. O favor era o de aceitar um jantar em casa dele — como insignificante juro da dívida que contraira... E disse-me tudo isto com um ar tão modesto e até posso dizer de humildade que tive de lhe dizer que sim apesar de contrariado.

O certo é que ontem lá fui em casa minha Mãe ao 4.º andar da Avenida de Elias Garcia n.º 144 onde a marquesa nos recebeu com afabilidade sem excluir o agrumo inerente ao título... Foi, contudo, noite bem passada; um jantar simples, sem complicações para plebeus; e depois da refeição, numa casa de estar com excelentes poltronas, conferrou-me que certos parentes o troçam um bocado por ele se manter monárquico constitucional e chamam-lhe, embora afectuosam.^{te}, liberalão por causa do avô Saldanha a cuja memória ele é fiel. E acrescentou que o meu tirano vai dar conselho a lançar-lhes ~~em~~ em rosto (aos parentes) a minha obra para eles se convençarem do valor desse marechal liberalão que os integralistas agora querem aproucar.

Enfim, o meu tratado vai ser a obra de combate do bis-neto do Saldanha contra

o Integralismo Luminoso... Ainda bem e ora lá que desse combate político mesmo a procura do livro...

Seria $\frac{1}{2}$ noite quando saímos da casa acolhedora onde, verdadeiramente, encontrei a primeira consolidação de autor do trabalho estudado sobre o Saldanha.

E pareceu-me sincera a homenagem que o bis-neto quis prestar ao realitador do bis-avô. E confesso: gostei.

Coimbra:

Dezembro: 19.

Recebi hoje um officio do commandante da policia de Coimbra, em termos m.º amáveis, solicitando-me um retrato meu tirado em 1910 ou quadra proxima do periodo « em que V.ª ^{te} tão distintamente desempenhou as funções » de commissario de policia.

Pelo que se vê o major Americo Osario e Cruz quer apparizar uma galeria dos commissarios e commandantes da policia de Coimbra e, honra lhe seja, não se limita aos homens de 28 de Maio para cá; quer ir, pelo menos, até aos "ominosos" tempos de 5 de Outubro.

Ao menos... malta-no isso.

Ah! assim uma excepção heurosa a in-
tolerancia desta gente. E daí, quem sabe? não
serão rinais dos tempos? ⁽¹⁾

Coimbra:

Dezembro: 31.

Acaba logo o ano. Eu estou doente não
só fisicamente como moralmente. A vida
tornea-se-me cada vez mais pesada e cada
vez me sinto com menos coragem para su-
porta-la.

Que fazer?

E depois este continuo vai-vem de Coim-
bra para Lisboa, de Coimbra para a Paz, da Paz
para Lisboa, etc. etc. que me não deixa o espi-
rito tranquilo, mais ajuda a tornar a vida
pesada e desagradavel.

Aqui tenho em frente um pequeno ma-
pa em que assentei as minhas andanças
durante o ano; acusa o tempo passado:

Em Coimbra: - - - - - 208 dias

" Lisboa: - - - - - 62 "

Na Paz: - - - - - 95 "

Soma: - - - - - 365 "

⁽¹⁾ O officio vai adiante a pag. ...

E assim se passou o ano, ora aqui, ora ali, ao sabor... meu sei de quê!

Mas adiante.

E já agora não fecho as notas relativas a este, para mim, malfadado 957, sem deixar algumas que desejo mencionar.

A suda ultramontana cresce a olhos vistos, meu rebeço, descaradamente, com verdadeira imponência e altivez. Dede irêmos parar se assim se continua, em ritmo acelerado, como é patente a todo o momento?

De vez em quando batem á porta umas damas solicitando assinatura ou quotização para certa obra «de caridade», ou para «pops de polvos» ou para a estatua do Christo-Rei ou para mil e uma empresas da Igreja encobertas com qualquer capa de bem-fazer.

Da caixa do correio apparecem, tambem, papelinhos como dois que deixo, arquivados, neste volume⁽¹⁾. Muitos outros se têm perdido mas é um constante piujar de solicitações para isto e para aquilo, e se as solicitações são feitas pessoalmente, são - no sempre com per

⁽¹⁾ ed pag. 419. e 420.

risos acariciadores, modos blaudiciosos para agradar e tornar difícil a recusa.

Ha dias fui abordado na rua por tres raparigas que traziam ao peito qualquer distributivo; queriam que ficasse com uma quota para não sei o quê que mal sei e nem quiz saber o que era.

E assim por diante.

Não vale a pena insistir. Faria mal ao fígado que já não anda grande coisa.

Outro assunto:

Ha tempo encontrei na rua o dr. Abel Lopes de Alameda e Sousa, actualmente sub-director do Arquivo da Universidade. Bom homem, creio que sério, muito das direitas mas de espirito tolerante. Gosto dele e converso com ele sempre á vontade.

Na conversa meiu á batia o Arquivo. Como eu me queixasse de que agora é difícil fazer-se qualquer consulta que não seja relativa a assuntos carrigueiros, o Alameda e Sousa desabafou... O que ele disse do director e da mulher já eu mais ou menos sabia; agora, pareceu, fiquei-o sabendo por quem está de dentro e não afirma o que não é.

O Arquivo é um feudo do Dr. Mario Braudão, da mulher e do Guilherme Bernardino, o mais audaz e preparado; o sub-director e os conservadores não estão autorizados a mexerem em qualquer peça sem licença expressa e se algum conservante require documentos que aquele triumvirato ainda não viu ou entende não ver, a requisição não é satisfeita.

Eu, na verdade, nos últimos tempos, sem embargo das amabilidades do dito triumvirato, noto que o magnanismo do Arquivo anda muito emperrado; requireo umas coisas e nem outras; pergunto por isto e nem aquilo; para tudo ha difficuldade e ignorancia.

Enfim... é mais ou menos o reflexo do que se passa na Torre do Tombo e creio que nestros arquivos.

É o bom Almeida e Sousa, solicitando-me sigilo, desabafou. É mais ou menos lançada as principais culpas para a mulher do director, a Ligia Braudão, audaz archivista da secção dos manuscritos da Biblioth. universitaria, já nesse tempo considerada falsa e volubel. É possível. O Dr. Mario Braudão creatura que, segundo se dizia, fôra considera-



rado abstémio, caiu na esparrela que a rapariga lhe arrou; e assim ela encolheu facilmente faltas antigas e pediu a esposa de um doutor de capêlo...

Coisas da vida, ou melhor: a grande comédia da vida.

E para acabar bem o ano um anecdota que ha tempos me contâr ao dr. João Pereira Dias, quando no Instituto se faziam horas para uma assembleia geral. O caso e verdadeiro porque o dr. Pereira Dias assistiu como sempre assistê a tudo quanto cheire a excursões, sessões solenes, jantaras, etc. etc. E faz ele muito bem.

Mas vamos ao caso: ha anos o Abade do Baçal, o P.^o Francisco Manuel Alves, foi pelo governo agraciado com qualquer grau de qualquer ordem honorifica, certamente a de S. Lourenço. Fizeram-lhe uma festa, os amigos, e convidaram um ministro a ir entregar a assignia ao Com. do Abade.

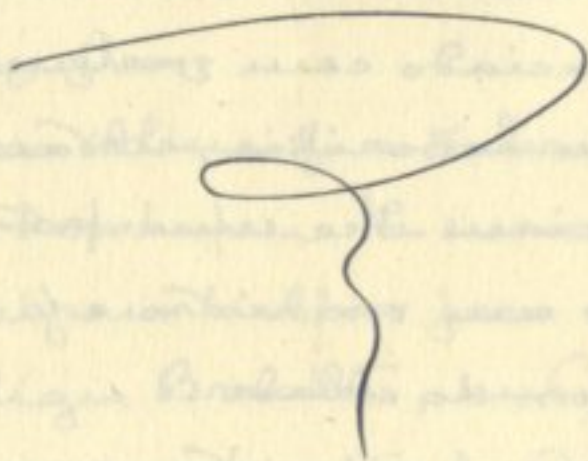
Este recebeu o ministro e os manifestantes na sua casa rustica de Baçal; e na occasião em que o representante do governo lhe ia a impôr o collar com a medalha, deu-se

por qualquer inadvertencia, o impresso da queda do colar e da medalha ~~estremamente~~ sobre o solrado da casa. O Abade, solresaltado, levantou os braços com ar de desolacao e disse para o ministro:

— Ah! senhor ministro! Lá se partiu o chovalho!...

O bom do P.^e Francisco Manuel Alves lá lhe pareceu que iam perdurar. lhe ao pescoço com chovalho...

Bom Abade: fizeste com que acabasse este malfadado ano de 57 com o teu dito de fim de espirito; sem queres e sem má intenção tapaste uma grande verdade!



1958

Coimbra:

Janeiro: 15.

Começo o ano por mencionar a morte do Julio Vieira de Figueiredo Fonseca.

Mais um da m.^a geração que desaparece. Eramos, mais ou menos, da mesma idade e conheciamos-nos desde as escolas primarias. Gostei sempre dele, carácter firme, desempenado, com laivos de intransigencia e capaz de dedicação por suas ideias como por suas amizades. Sua figura apreciava-se de baixo de muitos aspectos e assim foi, pode dizer-se, respeitado por todos e estimado por quase todos.

Fez a vida, com certo optimismo, gozou a vida, e quando perdeu e tirou dela bocados que lhe não esqueceriam nos ultimos tempos quando as doenças q. não perdoadam o deveriam atenuar á falta.

Casou medico, conhecia bem o seu estado; pediu a aproximar-se a morte e recomendou com instancia que o enterrassem civilmente.

Manteneu o seu agrumo até ao fim.

Estive em casa dele até a saída do corpo; não o acompanhei ao cemitério porque foi o prim.^o dia em que saí de casa depois da maldita bruxa que me persegue; mas vi a concorrência de individuos de todas as classes, posições e partidos que acorreram. Não era multidão espectacular; mas muitas pessoas de individuos que o estimavam e o consideravam.

E com este bom Julio Fonseca, lá vai mais uma das ultimas aventuras...

Coimbra:

Janeiro: 22.

Apareceu-me hoje aí o Dr. Álvaro da Costa Pimpão para, seguindo disse, descarregar a consciencia a ~~respeito~~ respeito da garfeta de Maria do Ferreira Lima.

Parece-me que não fiz aqui referencia na devida altura ao falecim.^{to} inesperado da D. Maria Lina, filha do Ferreira Lima, casada uns meses antes com um medico estomatologista Arthur Vaz Barreiros. Na altura em que

gravava com intensidade em Lisboa a mal-
dita grippe asiatica, a D. Maria Lina foi atingi-
da gravemente por ella; o medico para atacar o
mal com resoluções deu-lhe qualquer injeccão
forte sem saber que a doente estava no seu pe-
riodo menstrual; ao terminar a injeccão a jo-
bre reparou caíu para o lado morto.

Eu estava em Lx. e fui ao seu funeral;
impressionou-me tudo: era amigo dela e
estimava-a sinceramente.

Dias depois, visitando o marido, disse-me
este que a mulher deixara testamento e le-
gára a livraria do Pai á Faculd. de Letras da Uni-
versid. de Coimbra e juntamente os móveis que
pertenceram a Garrett, quadros, gravuras, etc.
E acrescentou que queria cumprir religiosa-
mente a vontade da mulher, que ia officiar á
Faculd. e mandar copia do testamento para li-
quidar com brevid. o assunto.

Eu fiquei satisfeito com a resolução da D.
Maria Lina; via-a sempre indecisa a tal res-
peito, preocupada entre cumprir os desejos do
Pai e certas duvidas que no seu espirito se le-
vantavam acerca da maneira de os cumprir.

Ora o Costa Pimpão a quem mais interes-
sava o assunto como professor de Literatura

qual teve conhecimento do caso por via oficial, correu a Lisboa e obteve do ministro a verba de 50 contos (outro erro) e autorização para dois catalpadores da sua Facult.^{de} irem logo a Lx.^a fazer catalogo sumario do legado.

Barreira assim tudo me.^{to} bem quando os catalpadores que, segundo diz o Dr. Pimpão, merecem toda a confiança, começaram a dar nobreza do Dr. Barreiros sair normalmente de casa com pacotes de livros em especial de seccão garretteana. O Costa Pimpão, aborrecido, correu a Lx.^a com qualquer pretexto e procurou o Barreiros com quem falou e encontrou mudado, pseudo certas resistencias, apresentando duvidas e procurando saber quanto valeria a livreria com alegação de que necessitava informar a Faculdade Nacional, etc. O Costa Pimpão veio de Lisboa desolado; resolveu vir aqui contar-me o caso e ouvir-me... O que haverá por detrás da mudança de attitude do viuvo do D. Maria Lina? O que terá ele desviado da garretteana? E com que fim?

O Dr. Costa Pimpão estava aborrecido com isto tudo e a ver que a Unversid.^{de} terá que recorrer aos tribunais; e até para essa hypo-

Logo já procurei uns professores da Faculdade de Direito a quem expoz necessariamente o caso e entrepuz a possível intervenção.

Fraucamente, não sei o que houve a respeito do medico Barreiros. Vi-o abatido, nos dias seguintes á morte da mulher, afirmando que cumpria religiosamente o testamento e qualquer outra vontade de D. Maria Lina. Mas o tempo foi passando e quem sabe que influencias ajudarão á volta da creatura que me pareceu não ser espirito forte?

Vamos a ver.

Coimbra:

Fevereiro: 5.

Os tempos, não me lembrro quando foi, o Dr. Manuel Lopes de Almeida pediu-me a autorização para publicar no Boletim da Bibliotheca as Cartas do Infante D. Pedro á Camara de Coimbra, ultimamente procuradas parece que com certo interesse.

Eu disse logo que sim e dei um exemplar que tinha para servir na tipografia; escrevi uma nota-prévia para explicar como nasceu a ideia da prim.^a publicação ao mesmo tempo que contava as vicissitudes por que

passou o trabalho. Ora as Cartas foram já publicadas no vol. 23 do Boletim ha pouco distribuído; e hoje recebi 50 reparações offecidas pela Biblioteca.

É sempre motivo de satisfação receber qualquer obra impressa e está uem lembrar entros tempos, de ha cerca de 35 annos — uma vida inteira!

Ha dias, arrumando papelada antiga, encontrei o rascunho duma carta escrita ao dr. Joaquim de Carvalho, de Lisboa, e, segundo uma nota á margem, escrita na Torre do Tombo — pelo menos o rascunho.⁽¹⁾ Como achei a carta curiosa, vou transcrevê-la; sempre documenta a tarefa.

« A carta de V... que me puzeram muito, produziu-me o efeito que daria a uem cardiaco a ordem de subir, dum trapo, ao zimbório da Estrela... Fiquei, com o coração atencioso em extremo, uem pouco assombrado — pois neste silencio da Torre do Tombo entre senhores bispos e padres do Oratório a que já me habituei ha ues dez dias, tudo esuvi-

⁽¹⁾ Datada de 13 de Novembro de 1922.

da a não ter pressas. O conselheiro de V... que eu aceito com prazer e desvanecimento, tem esse contra: impõe uma ligeireza de trabalho a que eu não estou habituado e que, creio, não condiz muito com a grandezza do assunto.

« O meu trabalho é sempre vagaroso, pesado, talvez porque receio dar um passo em falso e não me arrisco á fantasia.

« Assim, dizer já a V... que terá as cartas do Infante D. Pedro para o 1.º fasciculo dos meus Arquivos (por cuja ideia e empreehimento o felicito calorosamente) será um pouco arriscado. Se o que for publicado se limitar ás cartas á Câmara de Coimbra cuja leitura está feita e apenas falta rever e corrigir e desdolar as alterativas, não poderá acontecer q. figurem no 1.º fasciculo — apesar de eu necessitar tempo e vagar para a revisão, e sossego e saber para uma nota de preambulo.

« Mas se V... deseja que ele abraija toda a obra administrativa e politica do Infante, então desde já digo que não é possível fazer um trabalho desses meios depois de meses de afiço. A Chancelaria de D. Afonso V, nos livros q. não até Alfarrobeira estão cheios, como é facil de calcular, dos diplomas emanados do

Regente e muitos deles confirmados depois da sua morte pelo Rei; é um nunca acabar de documentos para a escolha e copia dos quais me não chegam estas escassas duas ou tres Reunias que por aqui estarei. Ha até mais documentação do Infante neste labirinto mas que não encontraria logo e talvez mesmo não encontrasse em tão pouco tempo devido á falta de catalogação, á ignorancia do pessoal superior e inferior relativo ao recheio mesmo corrigido do Archivo e ainda á nenhuma importância pessoal deste seu creado que não tem merecimentos para sentir ao lado um funcionario que elucide — como vejo acontecer com certas cavalgadas bazonadas que aqui chegam e não procuram avós illustres á falta de outra coisa.

« Ora pois, voluendo ao fio, teremos de optar pela primeira hypothese: as Cartas á Câmara coimbrãense. Eu volto para Coimbra no fim do mês; se o prim. fasciculo não sair antes lá para ~~o~~ Fevereiro ou Março, pó-de V... marcar lugar para as Cartas se bem que a autoridade do copista não dê honra aos Archivos. Se, porém, o original tiver que ficar pronto em dezembro, então confesso que não

sei se darei conta do recado — a menos que o Ministro da Guerra me autorize a não pensar noutra coisa...

« Aqui está a resposta que me pede com a maior franqueza. Reconheço, intimamente agradecido, que U. ... me tem querido fazer aparecer de forma m.^{to} honrosa; entendo, porém, que não devo comprometer a boa intenção nem desmerecer os créditos em q. me tem.

« Muito obrigado por tudo e espero sempre as suas ordens, etc. »

Na Nota preambular desta 2.^a edição conto os parâmetros da tarefa e na colecção das cartas conservo as que me escreveu o Dr. Carvalho. Tudo para a história...

Coimbra:

Fevereiro: 16.

Mandei, em tempo, a filha do meu discípulo e amigo Saturno Pires, um exemplar do Saldanha. Esta senhora vivia com ele e era a sua ajudante nos trabalhos desde que começou a faltá-lhe a vista. É creatura inteligente, muito viva, creio que bastante culta e interessou-se também muito, como o Pai,

foi o meu estudo acerca do Saldanha, e au-
 riu algumas leituras que fiz de certos capítu-
 los em casa deles. Por tudo isto, ofereci-lhe um
 exemplar que ela me agradeceu em carta
 amavel e reconhecida.

Escontese, porém, que nessa carta me
 pede para eu rever um arbispo histórico que
 escrevera acerca da Legião Parbiquesa e ainda
 para a aconselhar...

Que lhe havia eu de dizer? É claro que
 disse que sim com as palavras de modestia na
 turais em tais casos. É o certo é que ha dias
 appareceu-me aí o artigo em folhas dactilografa-
 das e nova carta sollicitante.

Na verd. ela tem certa graça a escrever e
 mostra desembaraço; o arbispo, porém, para
 pouco vale, um tanto ou quanto enfático e que
 se sem falar na Legião. Ressente-se da ma-
 neira de escrever do Pai e das preoccupações
 patriísticas actuais — mas não deixa de mos-
 trar facilid. ~~no~~ no manejam.º da prosa.

Tive de lhe responder e fi-lo com a carta
 que vou transcrever e que mandei hoje:

« Li com atenção o artigo escrito por V...
 em que se resente o estilo nervoso e incisivo

do seu Ilustre Pai e meu leal Senado Arcebispo. E como V... confia generosamente na minha opinião, aqui vai sem a menor duvida.

« O arcebispo é interessante pela forma literaria e por evocar, de começo, a figura do general Ségur como tema de trabalho; mas, de facto, a segunda metade do arcebispo em que propriam.^{te} se refere á nossa Legião merecia maior desenvolvimento. A referencia aos serviços desses militares portugueses integrados no Grande Exército e que assistiram a um dos maiores espectáculos do tempo, é muito restrita; seria justo certa ampliação embora pequena mas o suficiente para fixar no leitor a melhor comprehensão do que foram esses grandes episodios que os humanitarios com razão reprovam mas depois, pela sua grandezza, os artistas tanto aproveitaram.

« E V... tem facilidade em dar uns retratos e dar maior relevo á intervenção portugueza pois vejo bem que maneja a prosa com vivacidade e destreza; e com uma ou outra consolda a rapidez das memorias do tempo e de estudos correspondentes (de que tomo a liberdade de mandar uma pequena nota) o arcebispo ficaria excelente.

« É certo que U... não quer fazer arbispo em dito; creio ver nele a intenção de quero fazer mental em que evoca de fupida o valor dos estudos paternos — seguros, seu favôr, e de grande probidade. Mas isso não tira a que com mais uns periodos se desse maior relevo á acção dos militares portugueses.

« De mais, m.^a Zeuhara, numa revisão cuidada se eliminariam certas gratias da margina para evitar outras mais graves de tipografia.

« Creio U... que lhe estão m.^{to} grato pela prova de confiança; e se eu conseguin, dentro em breve, ir uns dias a Lx.^a e se U... que au torizar, terá m.^{to} prazer em pessoalmente exprôr estes meus modos de ver. Caso não vá, queira U... sempre dar as suas ordens ao que é, etc. etc. »

É aqui está como se salva um cidadão qualquer duma audacia da vida. Coisas que acontecem e de que é difícil livrar.

Vamos a ver o que ela responde e se ainda vem com mais algum pedido — a que alias gosto sempre de responder.

Lisboa:

Fevereiro: 21.

No jornal República de ante-onter
vinha uma entrevista com o escritor Fernan-
do Namora acerca do livro português, sua ex-
pressão e importância social do escritor.

A entrevista é curio-
sa e termina por de-
finir o que é o escri-
tor em Portugal; não
resisto a deixar aqui
o recorte — que me
parece oportuno.

Na verdade, o escri-
tor é « uma excre-
scência apenas tolera-

da... » Aqui fica para lembranças não do juí-
zo do já notável romancista mas da minha
reacção ou, se quizerem, concordância com es-
se juízo.

Sinto, pelo pouco que sou como escritor,
a verdade destas afirmações. E talvez ele não
dissesse tudo o que queria.

— Ele é uma excrescência apenas tolerada, às vezes sem grande indulgência, e o seu trabalho não usufrui, nem de apoio, nem de prestígio. O público precisa de ser impressionado, antes de dar a sua adesão: lê o escritor estrangeiro porque sabe que, lá fora, o escritor é um profissional respeitado, e... remunerado; é-lhe difícil oferecer o mesmo tratamento a um escritor que, ali a seu lado, se lhe apresenta como um lunático amador das horas vagas, gastando-se numa tarefa inglória a que ninguém dá o direito de cidadania. O público só lerá o escritor português quando o reconhecer um profissional, quando souber que o trabalho literário tem os direitos e as compensações de qualquer outra actividade merecedora de crédito...

Lisboa:
 Março: 5.
 Ontem, ao receber à tarde a República
 e ao abri-la com a jáica curiosidade com
 que abro os jornais, vi logo na primeira pa-
 gina a noticia da morte de Afonso Duarte.

Sabia-o muito deante; vim para Lisboa
 sem o ir ver á casa de saúde onde estava em
 tratamento e disso trazia certa mágoa ago-
 ra transformada em recursos.

Desapareceu o Afonso Duarte como au-
 tro qualquer mortal!

Os semelhantes, estes desaparecimentos
 não são casualidades. Lembro-me, quando
 era rapazote do Liceu, da impressão que me
 fez a morte dum condiscipulo chamado
 Carlos Augusto das Neves Rocha, bom e simpá-
 tico rapazinho, e do professor de desenho na
 Universidade João Rodrigues Vieira, amigo
 da familia que eu respeitava como represen-
 tante do Grupo de Leão de que tantas vezes ou-
 vi falar em casa a meu tio Albino da Silva
 e aos artistas e homens de letras que lá se
 reuniam. Mas, nesse tempo, a impressão
 recebida era diferente como o foi com outras

muertes ao tempo da vida. Agora, o caso é outro; e não se trata só desaparecimento do homem que indubitavelmente mantinha o facho da Poesia em Portugal, mas também da falta dum velho amigo que eu muito estimava e admirava, resto de amizades de tempos passados quando a vida era outra coisa terna diversa.

Ha pouco, na Terceira, morreu o Luis Ribeiro, companheiro de ha cincuenta annos com quem mantinha correspondencia epistolar cheia de interesse e boa comprehensão; recentemente, o Julio de Figueiredo Fonseca, patricio e condiscipulo desde o Liceo, creatura agremiada, de rara coerencia moral; agora, este alto Poeta que eu conheci ha mais de meio seculo, simples e inquieto estudante de Ciencias, fardado de soldado de Cavalarias.

Assim se vai fazendo o azoio, sem remissão, numa altura em que se torna mais necessario todo o auxilio moral, em que a vida deveria correr sem sobresaltos causados por abalos fisicos. Mas assim é, infelizmente, o continuo perpassar dos dias, das semanas e dos meses. E como não posso ir á Beira da o ultimo adeus ao Poeta e ao Amigo, não pó

persegua, talvez como estão, não cheparia a tempo, mas também porque me sinto inválido neste momento com ameaças de maldita bronquite que me persegue, irei deixar aqui, ao menos, neste « meu tão certo secretário » um tipoiro desaliado de mistura com uma ou outra lagrima que a sensibilidade pevil obriga a trazer aos olhos.

Conheci-o em estudante, era eu já tenente, num trimestre (ou quadrimestre) em que os alunos militares estiveram adidos a minha companhia no regimento 23. Afonso Duarte deixava-se um pouco no fardamento; estava ainda a vê-lo com a fardeta larga, real talhada, despreocupado do rigor exigido pelo comando^{to} da companhia. Eu chamava-o, assim como a outros, para o tirar dos inevitáveis rathos e possível castigo da capitão e dava-lhe conselhos e ás vezes ardens embora emcolheras com boas palavras.

Destas chamadas e de tipoiras conversas veio o conhecimento do poeta já então saliente entre academicos pelo seu elevado espirito desempenado e pelo republicanismo calmo e certo e seu alarde, mas perianente convicto.

Fiquei gostando dele; o seu olhar vivo, a maneira leve e clara de expôr, o dessempenho com que falava, impunham-no facilmente. Passou o tempo, ele entrou no professorado já com o nome conhecido pelas suas poesias, rãs, viris, seu sentimentalismo e com certa originalidade; e então veio discreta curiosidade temperada por certo acanhamento da minha parte desde que notei o seu valor intelectual e conheci a extensão da sua obra poética que a crítica ia acolhendo com justiça e aplauso. Mas ele continuou sempre a ser o mesmo; a ascensão no consenso geral não o perturbou e a sua correcta amizade manteve-se inalteravel.

Aí por 1911 surgiu a ideia de uma revista literaria com feições modernas, de moldes novos, centro de um grupo de rapazes poetas, prosadores e artistas que andavam por Coimbra, naquele periodo do regime republicano promissôr de novos tempos para a Literatura e para a Arte.

Alguma coisa a este respeito se discutiu em minha casa; tenho certa vaidade em me lembrar de que no meu escritorio a futura Rajada teve alguma parte dos seus

alicerces; e que nele o Afonso Duarte me
conveniu a ser colaborador. Eu excusá-
ra-me, alegando a idade em relação á da
rapaziada reunida; eu considerava-me
já velho com os meus 32 annos e, demais,
a mais, sem antecedentes justificativos de
colaboração em revista de alto nível.

Até aí, a minha activid.º intellectual li-
mitava-se a pequenos artigos de vulgariza-
ção histórica e ajudava, ao tempo, em breves
do meu prim.º trabalho de investigação de
história militar — que, por circunstâncias
varias, creio eu já contadas nestes diários,
me desviaria provavelmente da minha na-
tural tendência.

Contos largos.

Mas, enfim, o Afonso Duarte lançou
em Março de 1912 a revista Rajada em que
reuniu notavel grupo de rapazes: uns que
ajudavam por Coimbra, outros de fóra a que
juntou escritores já mais velhos e conheci-
dos. Assim, dos rapazes que ajudavam por
Coimbra, cito: o Virílio Correia já então conhe-
cido pelo « Virílio dos cacos », o Augusto Casi-
meiro, alferes da franco chegado da Escola Prati-
ca de Mapa, o Nuno Simões, estudante de

Direito, o Veipa Simões, cheio de vida e de atre-
vimento, o Manuel Eupreio Massa, também
estudante de direito, neurastênico, sempre Kris-
tinho, o João de Lere e Lima, também de Direi-
to, futuro diplomata; dos de fora da terra cito:
o Mario Beirão, o Manuel Laraujeira, do Par-
to, o Joaquim Marcos já em Lisboa, o
Manuel de Sousa Pinto; e de literatos mais
melhos cito: o Jaime Cortezão, medico, ainda
indeciso acerca do rumo de vida, o João de Bar-
ros, já em Lisboa em qualquer cargo de relevo,
o João de Deus Ramos, sempre aborrido pela
obra do Pai, o Joaquim Agostinho, professor ju-
rídico, q. usava o pseudônimo de Joaquim de
Almeida, etc. etc.

Dos artistas reunii o que havia de me-
lhor em gente nova: o Almeida Negreiros, o
Correia Dias, o Palma e Melo, o Luis Filipe Ro-
drigues e o Cristiano Cruz que deixaram na
revista belissimos desenhos e caricaturas.

Fui, então, quase por imposição do effor-
ço, colaborador da revista. Mas revoltante co-
mo então era, a pôr o meu nome no que es-
crevia, olesecado por qualquer complexo de in-
feriorid. (que aliás nunca me abandonou)
escrevi uma Carta assinada por Estevão Cor-

reis e dirigida ao Afonso Duarte, trocado de prosa a querer ser bem feita e a transbordar de auto-biografia... Lá ficou no n.º 2, do mês de Abril, a pag.º 22-25.

E depois ainda lá deixei outro artigo no n.º 4, de Junho, a pag.º 31-32, simples nota bibliografica respeitante ao livro D. João de Castro do Manuel de Sousa Pinto, desagradavel e cortante que, segundo aqui dizer depois incomodou bastante o simpatico autor da Evangelidade. De facto, a nota que escrevi, era tambem um tanto ou quanto auto-biografica, produto do meu humor que a Carta citada acima revelou discretamente.

Bons tempos.

O Afonso Duarte acolhia com alegre tolerancia os meus escritos. Cheguei a escrever uma outra Carta desta vez dirigida ao Virgilio Correia, meramente literaria, para ser publicada mais adiante; ficou, parece, guardada⁽¹⁾ pois a revista não passou de cinco numeros — hoje collecção rara e apreciada, como notavel documento duma geração que tentou impôr-se mas á qual o ambiente fe-

⁽¹⁾ No vol. II das Cartas, a pag. 192.

thou não sei por qual motivo. E foi pena pois havia nessa geração rapazes de valer.

Depois veio a guerra. Aparte as inquietações naturais em todos nós, vieram as mobilizações; o Afonso Duarte foi mobilizado para o Campo Entincheirado de Lisboa onde esteve assegado e, dizia-me, muito bem tratado, até ao armistício. Mas a verdade é que se poderá perguntar o que seria o Poeta no meio daquelles artilheiros do Campo, mais ou menos milícias? Ele contou-me episodios da sua permanencia ali, mas eu já os esqueci; tenho a impressão vaga, pelo que contava, de que o consideravam e respeitavam — mas o que é que iria no inferno daquelles militares de grosso calibre perante a delicadeza e a finura de espirito do Poeta?

E os anos correram. Afonso Duarte voltou ao professorado; tentou na Escola Normal fazer obra pedagógica e alguma coisa fez no meio da indiferença dos directores e de quase todos os colegas. O Alvaro Lemos, também professor na Escola, varias vezes se referiu, em palestras comigo, a essa obra educativa de elevadas intenções pedagógicas que não teve a influencia merecida nos alunos porque não era

compreendida. É infelizmente, com o advento da situação política caída da revolução de 28 de Maio, toda essa obra como a do Alvaro de Lemos, caiu de rier com uma referência da Escola feita propositadamente para pôr fóra dela os professores que não caminhavam ao ponto jesuítico que começava.

É claro que o Afonso Duarte foi apresentado; e aí ficou ele, já então atacado pelo mal que lhe inutilisou as pernas, entregue a ociosidade forçada, apenas cantado pelas caminhadas difíceis até aos cafés da rua Ferreira Borges onde reunia rapazes literatos ou artistas no meio dos quais se sentia bem e dava os seus conselhos e fazia as suas lições.

Essas mesas de cafés eram a sua cátedra; e teve discípulos atentos e amigos que só ganhavam com a convivência.

Quando eu passava na rua e pensava ir conversar um pouco com ele, via-o ~~sempre~~ rodeado de gente nova e notável, embora de fúrida, o ar de interesse e certa admiração na atitude de todos eles. Entrava-se o encontrava só, mas muito raramente; e depois de algum tempo curto de conversa, deixava-o entregue aos que iam chegando como devotos

dedicados. E foi numa dessas conversas, já
 há muitos anos, que fizemos o projecto dum
 trabalho comum acerca dos oleiros de Mira-
 da do Cerro. Eu faria a parte histórica au-
 plhando o meu pequeno estudo publicado em
 1933 na revista Arte e Arqueologia; ele faria a
 parte de critica artistica, em que incluiria o
 estudo das curvas do cantaro e do azado que
 ele me dizia serem curvas perfectas como tra-
 çadas com ripar geometrico.

A falta de documentações geobotanica so-
 bre aqueles artefactos e a minha vida desviada
 do verdadeiro rumo, foram adiaando o trabalho
 que afinal se não fez. E foi pena: a parte de
 elle seria magnifica e eu honrar-me-ia com
 a companhia.

Um dia, ha quase dois annos, fizeram-
 lhe uma homenagem — por sinal que digna
 dele e chegue a ter amplitude e significado a
 tocar os limites de nacional — com exclusão,
 e' claro, dos elementos officiais. Tomei pequena
 parte na homenagem de que deixei aqui as
 devidas impressões na altura propria deste
diario. Ele commoveu-se no almoço, em Santa
 Clara e á noite, no Jardim Botânico, ao despedir-
 se, ao cimo da escadaria, sensibilizou-se. Ao

dizer adeus á multidão que o acompanhava e enchia os laços da escada, parecia dizer um último adeus.

Foi assim, tristemente, rodeado e certo por amigos que o acompanhavam e admiravam, mas mais ou menos entregue ao seu abandono que, se não me enganar, ele passou os seus últimos anos. Vivia em casa antiga na rua da Esperança (ou do Dr. João Jacinto) com pouco conforto; ultimamente mudára para um velho prédio na rua do Corpo de Deus, mas sei porquê e aí o fui encontrar no verão passado, num desconforto afflictivo, quase ascético.

A paleta que lhe servia para as visitas tinha umas quatro cadeiras velhas e uma mesa de jogo dobrada. Nas paredes uns retratos dele feitos por artistas. E mais nada. Nem umas corbinas na janela, ou umas flores sobre a mesa. Aquelle desconforto impressionou-me. Como é que um espirito superior, de tão rara sensibilidade, podia viver assim, em tal abandono de comodidades, isolado quase sempre dentro da casa, entregue, ele um desente que necessitava cuidados, a uma velha creada suade e camperina?

Sai de lá impressionado; durante uns dias não me abandoneu a impressão que talvez possa chamar dolorosa recebida no velho prédio, já um tanto ou quanto paradisíaco e ao notar o ar de resignação e abandono transmitido nos seus gestos e nas suas palavras.

O que significava aquilo?

Não tinha com ele a intimidade necessária para lhe fazer perguntas concernentes ao seu modo íntimo de vida; saí poucos dias depois para a Paz; ao voltar em Novembro disse-me o Leuenos que o Poeta estava internado na Casa de Saúde do Dr. Bacalhau, gravemente doente. Seria, pois, a intuição do fim da vida e a despreocupação um tanto estoica das comodidades e confortos?

Sei lá! O que é certo é que, com as complicações constantes da vida, nunca o visitei. Diariamente pensava nisso; mas eu a falta de saúde ou o mau tempo, ou as minhas preocupações íntimas, causaram a falta.

É hoje muito remorso.

Dizia-me o Álvaro Leuenos, companheiro no mais assíduo, que na Casa de Saúde estava realmente instalado, em lugar barato, sem se preocupar com o bem estar que lhe era neces-

sario; quero crer que se lá fosse né-lo Teris ideubica impressão confundedora e pairia incomodado.

Agora, já lá vai a oportunidade. Não teriarei a ver o bom Afonso Duarte.

Receti, com dedicatória amavel, a ultima edição da sua obra; não se esqueceu do fraco compaheiro de ha 45 anos, quando discutia mos a orientação da Rajada e ele me incitava a não me entregar só á investigações históricas e a lançar-me á literatura e á critica...

Como ele se expunha!

Um dia, aí por 1944, quando na Seara Nova saiu um capitulo relativo a certo Belchior Vicente, juiz dos orfãos em Miranda do Corvo que levanta o problema da naturalidade do comediógrafo pretendido avô daquele⁽¹⁾, ao encontrar-me na Calçada o Afonso Duarte chamou-me, levou o artigo e incitou-me a perseguir nesse estudo que me daria nome e faria luz sobre a vida do autor dos Autos e Farcas. Não via ele nesse trabalho só a investigação pura; descobertas nesse sector implicavam com a historia literaria.

⁽¹⁾ No n.º 895, pag. 95, de 7 de Outubro de 1944

Os conselhos e incitamentos, porém, de nada valeram; os arguivos, até hoje, têm-se mostrado rijamente mudos a tal respeito e a vida vai muito adiantada para me meter em cavalaria tão altas.

Bom Afonso Duarte! De nada valeu estas linhas aqui escritas, ligeiramente, ao sabor da memória já refractária; mas os meus são simples prova de azeisade, de admiração e de saudade por tão alto espirito, por tão fina inteligência e por tão firme carácter.

E com estas linhas fica a afirmação de que me senti sempre honrado com a boa estima e interesse q. ele me votava.

Lisboa:

Março: 8

O Afonso Duarte morreu na Terceira, sua terra natal e lá foi enterrado. Pelos jornais vê-se que o enterro foi simples mas impressionante. Falou o Poeta Miguel Torga no momento em q. desceram o corpo; fez uma allocução que me sensibilisou e que deixo guardada no final do volume."

(1) A pag. 421.

Que hei-de eu dizer mais? O que escrevi acima, relido agora, pouco será para o q. talvez devesse dizer. Mas nãoerei capaz de acrescentar alguma coisa de geito.

Aí fica.

Lisboa:

Março: 12.

Ha dias o carteiro entregou um grande sobrescrito da Faculd. de Letras de Lisboa, estava fithado com selo official. Estranhei, e' claro.

Ao abrir deparei com dois opusculos do Professor da Faculd. Artur Moreira de Sá que, diga-se de passagem, não conhecia. Os opusculos eram: Alguns documentos referentes ao Inf. D. Pedro e As Actas das cântes de 1438 e em um deles um lithete de visita do autor com a simples frase: «Com m.^{tos} cumprimentos.»

Considerarei a oferta como caso estranho.

O autor não me conhece, evidentemente, pois eu até desconhecia este nome. Além disso um professor universitario, do alto da sua cátedra, descer a um qualquer fabiano com um oferecimento de suas obras, era caso para admiração. Enfim, folheando os opusculos, vi que um deles era oferecido ao dr. Manuel Lopes

de Almeida, de Coimbra; seria este que dadas as boas relações acuse-thasse o outro a oferecer os trabalhos? É possível.

Informei-me, depois, acerca do homem: é professor novo; suas ideias, é das direitas nem podia deixar de ser; como professor impõe os seus critérios aos discípulos que não obtêm notas boas se se lembram de tentar discutir com ele ou apresentar interpretações diferentes. É o que nos outros tempos eram os professores coimbrões: quod est, est...

todavia, vinha que agradecer e agradecer com deferencia. Escrevi hoje esta carta que é, creio eu, modelo...

« ^{meo} Sr. Dr. A. M. de S. — Recebi em Li-
sboa estão por seus dias, os dois opusculos com
q. U... me honrou. De certo teve noticia da pu-
blicação das m.^{as} Cartas do Infante D. Pedro que
o Dr. Lopes de Almeida incluiu no seu Boletim
e quiz obsequiar-me com os valiosos traba-
lhos relativos a essa grande figura da nossa his-
tória. Muito e muito obrigado pela honrosa ope-
ra. — Gueiraria agradecer pessoalmente; mas
o meu estado de saúde e o pouco tempo de que
disponho (part. por estes dias regresso a Coim-

(era), leva-me a agradecer por este meio — o que não significa meus reconhecim.^{to} e menor considerações. — Em Coimbra, creia V... Veria mi.^{to} prazer em lhe ser útil se entender que o posso ser; de lá mandarei meus trabalhos meus, simples tapatelas que esperam a indulgencia de V... — E creia-me, com toda a consider.^{to}, etc.

Valer esteja arrelicada de mais... deixa-la ir. Estão hoje de bom humor.

Coimbra

Março: 29.

A Livraria Sá da Costa anuncia-me hoje, num memorandum de ontem que o Estado-Maior do Ex.^{to} autorizou a compra de 128 exemplares do meu Saldanha — e pede a remessa mais rapida possível desse numero de exemplares. Finalmente! Venceu-se a campanha e irei receber, para fraca compensação do meu trabalho a quantia de 8:960\$00; e digo fraca compensação porque esta verba apenas vem cobrir escassam.^{te} a despesa feita com os exemplares da reparata. E fica de je', sem pagamento, o trabalho de fazer a obra; esse, não

é com os miseros oito contos e tal que se poderia pagar. Mas adiante. Dir-se-ha q. assim, não se perde tudo.

Coimbra

Abril: 9.

Fui hoje procurado pelo advogado Alberto Vilça, rapaz novo com fama (e não sei se proveito) de comunista. Trouxe a reboque um outro colega cujo nome me esqueço, com fisionomia dura, mas inteligente, e certamente corvelegionario.

Estiveram aí bastante tempo a manter no caso da prox.^a eleição presidencial. Já há dias se recebera uma papelada impressa mandada pelo Vilça, relativo á candidatura do Cunha Leal — candidatura que parece interessar muito a corrente comunista. É claro que guardei a papelada com outra bem abundante ~~de~~ de assuntos contrários á actual situação politica.

Ara hoje o Alberto Vilça veio aliciar-me (aliciar é o termo) para a campanha a favor do Cunha Leal e nesse aliciamento puzo tal entusiasmo e fervor que, mesmo para feitiços menos desconfiados que eu, daria

um tanto ou quanto que pensar. Conversá-
râmos amistosam.^{te} e fupindo um pouco ao
assunto principal abalancei - me a dar conse-
lhos misturados, com certo jeito, a histórias
passadas que eles perceberiam relacionadas
meas de meus com o momento actual. E
para lhes não deixar devidas, disse - lhes que
me não metessem na comissão que querem
organizar e que não afrousei a inclusão do
meu nome numa das circulares impressas e
que acima me referi.

Enfim, a conversa foi curiosa e os ra-
pazes creio que não perderiam em me ouvir.
Passámos em revista outras candidaturas
como a do Humberto Delgado, a do Botelho
Moriz (sempre os generais, com seus entos
demonios!) e mais não sei quem, para
se concluir que a Cunha Leal tem outra re-
peritid^o. não só de intelligencia como de co-
nhecimentos e larga pratica de politica. Se-
ria um meu presidente? E' possível. O
seu passado não dá grandes garantias de fir-
meza de caracter; todavia teria umho civil
a sua accão e ... acima de tudo! carreira
logo com o homem ministro que ha trinta
anos nos reza e dormina.

Mas tambem lhes disse que todo o trabalho sera baldado. O presidente eleito sera o que elles quizerem, e tera 98% de votantes se nao tiver 99...

Infelizmente assim sera.

Coimbra:

Abril: 15.

Hoje, de manhã, ia eu pela alameda superior do Jardim Botânico para a Farmacia militar, quando notei á frente um individuo, caminhando vagarosamente, com passo que parecia incerto, em cabelo, parando aqui e ali, a olhar as arvores. A curiosidade fez-me parar e observar o homem; e quiz-me parecer, tanto quanto a m.^{te} vista autorizava, que ele fazia varios gestos como de quem falava só...

Aquella ~~era~~ então perante as arvores do jardim e a reduzida mas exuberante faixa rapada p.^a os lados do rio, só poderia ser de Poeta; e nesta persuasão aproximei-me para ver quem era a creatura que, ás 11 horas da manhã, andava ali a falar com a Natureza. Ele seguiu os meus passos e voltou-se: era o Joaquim de Almeida!

Dámos um rijo abraço; e na expressão dele quiz ler contentamento

— Sua aida Você a fazer por aqui? perguntei eu.

Ele teve um vago gesto de indiferença, um tanto ou quanto desolado, e respondeu:

— Olhe, meu Am.^o ... Andava a fazer versos...

E abrangendo com a vista e os braços a paisagem:

— Isto é tão lindo...

Tivera de vir á cidade e quiz subir ao Jardim Botânico esculher-se, por um pouco, naquele quadro da Natureza; e sem querer, ao tempo da alameda superior onde estava nos, compozera um soneto... E recitámo-lo, com algumas hesitações resultantes da improvisação. Era um soneto ás arvores, ás aguas dos tanques, ao passarêdo que salta nos ramos a reverdecer, poesia pantheista, cheia de carinho pelos dons da Natureza q. os homens desperdiçavam e ainda com certa finalid.^o filosofica que mostrava a creatura resignada com a sua parte da vida.

Se bem que a recitação fosse feita sem berlho e o vai-vem de carros e o falatório da

gente que passava não provocava o recolhimento necessário para se ouvir uma poesia cheia de intenções, a verdade é que gostei e levei-me a interrogar:

— Porque é que não desenvolve esse tema em poemas mais extensos em vez de o comprimir num soneto?

Ele fez-me então o elogio do soneto, formou-me a poesia que adoptara para os seus deveres; confessou-me que não se conformava com as novas fórmulas da poesia moderna e que se julgava incapaz de moldar em tais moldes a sua capacidade de fazer versos.

E assim, andando e parado, a conversa caiu no Afonso Duarte cuja morte ambos deplorámos. O Alameda exclamou:

— Grande alma!... Foi ele que me descobriu e me obrigou a publicar os meus primeiros versos...

— Na Rajada, salvo erro.

— É possível, não me lembro já.

E aí começou ele a exaltar a personalidade do poeta, a sua extraordinária obra que não conhecia em toda a sua extensão e não pôde agora grande avaliar com a leitura do volume que ele me oferecera pouco antes de morrer.

ra. E começou a desfiar as suas impressões acerca da poesia do Afonso Duarte que achava talvez com falta de ternura...

Observei-lhe, com pouco a medo, que já notara que a Mulher não occupa grande lugar na obra do Duarte. Ele concordou e explicou que a sífilis que o inutilizou desde novo, adquirenda numa rapariga com quem vivia, talvez fosse a causa dessa ausência da Mulher ~~na~~ na bella obra poética; a Mulher deixaria de ser o idolo para descer á misera condição de propagaadora de males físicos e pervertida moralis.

— Mas... continuava elle, que extraordinária obra!

Com a conversação, parado e ajudado, chegámos á Farmacia n.º, junto da antiga capella da Ursulinas; ali, sem querer, desviámos o galanteado para a contemplação do pau de juízo da paisagem formado pela cordilheira lúmen nítida áquella hora sobre o fundo azul claro do céu; e aí, voltei o Alucána aos arrebatos pauleístas, com largos gestos de adoração — e neste entêo voltámos pela alameda do Jardim Botânico, trazendo á batua ora novamente o bom Afonso Duarte, ora a poesia considerada como alta expressão do gausam.º, ora a pai-

sapem do proprio Jardim cujos tons de Primavera eram no verd.^o um encanto.

E ao cheparmos á estatua do Barotero perguntei-lhe o que ia fazer; ele mostrou-me um pequeno envelope que trazia na mão e respondeu com ar de resignado:

— Olhe... para vou almoçar... trago aqui o almoço que vou comer aí, em qualquer canto.

Quiz que viesse almoçar comigo. Presidência, queria limpar o poneto que ha pouco fizera e só em contacto com a Natureza o conseguia. Almoçámos-nos. E confesso aqui, neste papel confidente, que me afastei penitencialmente.

Semilidade que se aproxima?

Coimbra:

Abril: 25:

Hoje ao lançar casualmente os olhos p.^o o Diario de Noticias deparei com a noticia do funeral do Pires Monteiro realizado ha uns dois dias. Estaquei. Como pôde ser isto?...

E' certo que, ultimam.^{te}, quando eu Lisboa me encontrava com ele, notava-o um tanto ou quanto decadente; mas, ao mesmo tempo, nada indicava real estar irremedia-

nel. O que teria havido? Ainda ha pouco me escreveram com a mesma letra, a mesma boa disposicao e eu respondi-lhe com carta dividida em paragrafos, a tratar de varios assuntos que a ambos interessavam.

Pobre amigo! Que hei-de eu aqui deixar dito q. não sejam banalidades?

Era homem integro. Não teria intelligencia m.^{to} viva, mas era profundamente honesto nos seus trabalhos intellectuais. Dotado de extraordinaria capacid.^e de trabalho (ultimamente bastante diminuida) possuia methodo proprio para toda a sua actividade quer intellectual, social ou affectiva. Foi sempre grandioso nos actos da sua vida e a modestia natural que possuia escolhia grande firmeza de caracter.

Enfim, era pessoa estimavel cuja convicção atrahia; devo-lhe boa amizade e consideração — ultimamente bem reveladas por multiphas provas.

Bom amigo! O que poderei dizer mais alem destas "verdades" que em regra se dizem quando morre alguem e não correspondem á verdade? Mas ao bom Pires Monteiro, em consciencia, tudo o que aí fica (e é pouco)

é o mais verdadeiro possível. E ~~ainda~~ ain-
da acrescento que perdi um arrimo, mais
um dos arrimos, dos poucos, que por acaso
vinha. A vida vai-se esboçando.

Coimbra:

Mais: 20.

Hoje houve aí a principal festa dos rapa-
zes: o cortejo da Queima das Fitas. Ouvi já di-
zer que entraram em Coimbra umas centenas
de automóveis carregados de curiosos e que
está aí uma excursão de franceses atraídos
pelos reclamos de Turismo. Assim seja.

Mas o que me leva a deixar aqui estas
pobres linhas é dizer que me reutilizei á
passagem do cortejo... e aquela alegria dos rapa-
zes e talvez ainda mais a das raparigas, im-
pressionou-me.

Coitados deles e delas! Sabem eles o que
os espera na vida, quando deixarem as fi-
tas, as pastas, a capa e latina, a desfrascupa-
ção e a vida em comum?

Por isso me reutilizei perante a exube-
rancia do contentamento que se notava em
todos e culminava os próprios assistentes.

Coimbra:

Mais: 28:

Foi ha 32 anos... Uma vida.

Creio que nestes meus cadernos deixo va-
rias referencias ás crises desta reacção politi-
co-religiosa; todavia não me dispuzera ainda
a contar o que sei em um todo mais ou menos
harmónico que aqui fique amavelmente para a
Historia.

Ara hoje, dia de jubiloso anniversario, ven-
ho-me me capaz de coordenar reminiscencias e
deixa-las sem odio ou afeição como se diz em
certos depoimentos judiciaes. Nesta altura da vida
e abarrecido dele, não contando já com possibi-
lidades de alegrias e não querendo nada do futuro,
que más vontades devo ter? Posso dizer o que
ha pouco li num folheto politico, hoje creio que
raro, de D. João de Arzedo: « meu os grandes
" que causam inveja, meu estamos em situação
" de a excitar nos pequenos. »⁽¹⁾

Considero toda esta obra saída da revolu-
ção do dia 28 de Maio (mas andasse nela o dedo

(1) Quadro politico historico e biografico do Parlamen-
to de 1842 por um Eremita da Serra d'Arca (Lx.º 1845)

jesuítico!) como uma obra minúscula; mas a respeito, o aproximar dos 80 anos, deu-me a tranquilidade para olhar meu nervosismo o que se passa e poder escrever o conjunto de recordações muito á vontade e com gestos de imparcialidade. E vamos lá, com o olhar e o método jesuítico — tanto quanto jesuítico.

A coisa começou, para falar a verdade, logo que se proclamou o regime republicano. Muita festa, muita fraternidade, mas a Princesa (com sua senhora) não foi abaixo e ficou alerta como era natural. De entrada, esperou com ares de quem concordava o que os sucessos subseqüentes dariam; mas refeita do susto e vendo bem a fácil desumão dos republicanos que infeligm.^{te} logo de começo se manifestava, entrou subtilmente a trabalhar de rafa, com a habilidade e cautela usadas em todas as suas resoluções.

Deixou o Paião Couceiro e seus amigos começaram-se nas rebeliões e suas armadas; o caso poderia dar e poderia não dar; como não deu, a rafa continuou mais eficazmente, com as agências no estrangeiro a desacreditarem o regime por todas as farras; com as adesões aos partidos republicanos de gente capaz de tudo; com o impulso dado a todas as tendências oposicionistas